

**FACULDADE CÁSPER LÍBERO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**O HUMOR E OS VÍNCULOS NO RADIOJORNALISMO:  
O QUADRO *BUEMBA!*, *BUEMBA!*, DA BANDNEWS FM**

**CHRISTIANO FONTES BLOTA**

**São Paulo  
2019**

**CHRISTIANO FONTES BLOTA**

**O HUMOR E OS VÍNCULOS NO RADIOJORNALISMO:  
O QUADRO *BUEMBA!*, *BUEMBA!*, DA BANDNEWS FM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, na Linha de Pesquisa Processos Midiáticos: Tecnologia, Cidadania e Mercado, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. José Eugenio de O. Menezes.

**São Paulo  
2019**

Blota, Christiano Fontes

O humor e os vínculos no radiojornalismo: o quadro Buemba!, Buemba! da BandNews FM. / Christiano Fontes Blota. -- São Paulo, 2019.

69 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero, 2019.

Orientador: Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes.

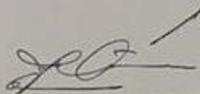
1. Buemba!, Buemba!. 2. Cultura do ouvir. 3. Humor. 4. Vínculos sonoros. 5. Ecologia da comunicação. 6. Radiojornalismo. I. Menezes, José Eugenio de Oliveira. II. Faculdade Cásper Líbero, Mestrado em Comunicação. III. Título.

CDD 070.19

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

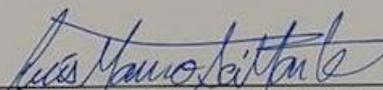
AUTOR: CHRISTIANO FONTES BLOTA

"O HUMOR E OS VÍNCULOS NO RADIOJORNALISMO: O QUADRO BUEMBAI,  
BUEMBAI, DA BANDNEWS FM"



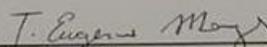
---

Profa. Dra. Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva  
Universidade de Santo Amaro - UNISA



---

Prof. Dr. Luis Mauro Sá Martino  
Faculdade Cásper Líbero - FCL



---

Prof. Dr. José Eugênio de Oliveira Menezes  
Faculdade Cásper Líbero - FCL

Data da Defesa: 25 de setembro de 2019.

– Papai?

– Oi, filho.

– Você vai fazer o mestrado?

– Estou pensando. O que você acha disso?

– Se você fizer, vou sentir muito orgulho de você, mas vou ficar um pouco triste, porque você não vai ter tanto tempo para brincar comigo.

A minha alma chorou. Meu amor por ele me fez terminar mais uma missão.

E voltamos a brincar!

Meu filho Luiz Blota, 7 anos de idade.

Dedico minha dissertação às razões de ainda achar graça na vida:

Minha amada Patrícia (Pat): e se não fosse ela na vida?

Minha filha Helena: meu raio de sol, meu ar, minha sombra nos dias quentes, minha energia vital.

Meu companheiro, amigo e parceiro Luiz.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Eugenio Menezes, um mentor que eu já conhecia através das pesquisas em cultura do ouvir. A conversa primária se tornou apenas a continuidade de um processo que se iniciou antes mesmo de eu escolher cursar pós-graduação. Eugênio é o arquétipo do professor, aquele que você pergunta se realmente existe além dos filmes, livros. Para minha surpresa, sim.

Obrigado aos amigos e família, que não sei mais distinguir a diferença. Foi o amigo de tantas jornadas jornalísticas, Wagner Belmonte, quem me incentivou a seguir em frente com o mestrado, e me apresentou pessoas de caráter, que contribuíram com minha pesquisa. Sendo assim, ganhei outros amigos e amigas, como a querida Marcella Cristina Gozzo.

Meus pais José e Thereza, sempre presentes, irmãos, cunhados, sogro e sogra com quem tenho o prazer de conviver. Tia Benê, com quem posso me sentir mais leve, um luxo para um homem “bem crescido” ainda ter colo, não?

Agradeço à Cásper Líbero e ao “Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura do Ouvir” por serem tão completos e intensos – e a todos que, de alguma forma, dão vida à instituição e ao grupo. São tantos professores, alunos (hoje amigos), pessoas ligadas direta e indiretamente, que me vêm à mente alguns nomes:

Ana Luiza Coiro Morais; Luis Mauro Sá Martino; Roberto Chiachiri; Simonetta Persichetti; Marcelo Santos; Claudio Novais Pinto Coelho; Gustavo Pena; Henrique Terra; Leonardo Levatti; Filomena Salemme; Roberto D’ugo Jr.; Priscila Gubiotti; Dimas Krunch; Jorge Miklos; Dayana Bonetto; Luis Gaspar; André Naveiro Russo; Julia Lucia Albano de Oliveira Albano da Silva; Fernanda de Araújo Patrocínio; Thiago Soares de Souza; Fernando Morgado; Vinicius Riqueto de Oliveira; Anselmo Ferreira; Elcio Padovez; Luiz Fernando Magliocca; Celso Antônio Casemiro Silva; Flávio Guimarães (in memoriam); Cristiane Malfatti; Malena Contrera; Ana Paula Rodrigues dos Santos; Marianna Guimarães; Ricardo Nóbrega; Bárbara Fcamidu; Milton Parron; Giselle Freire; Giulia Garcia; Nina Ratti; Júnia Teixeira; Benedito Leite da Costa (FUBA); Sidney Magrini; Marciliano Antonio Silva Junior; Carolina Klautau; Candinho Neto; Rosa Martins; Sonia Peixoto; Wardi Diva; Rodrigo Amorim.

E agradeço também a você. Sim. Você mesmo que está lendo agora. Abraço!

As virtudes do passado são os vícios de hoje. E muito do que se julgava serem vícios do passado são as necessidades de hoje. A ordem moral tem de harmonizar com as necessidades morais da vida real, no tempo, aqui e agora. Eis aí o que não estamos fazendo.

Joseph Campbell

BLOTA, CHRISTIANO FONTES. **O humor e os vínculos no radiojornalismo: o quadro Buemba!, Buemba!** da BandNews FM. 2019. 69 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2019.

## RESUMO

Este trabalho investiga os vínculos sonoros em *Buemba!, Buemba!*, quadro conduzido pelos jornalistas José Simão e Ricardo Boechat na BandNews FM. A coluna diária, no ar há quase 15 anos, consiste em uma análise humorística do noticiário nacional e internacional. A partir da premissa de que o som vincula, acredita-se aqui que, embora os envolvidos não estejam (nem precisam estar) no mesmo ambiente, cria-se uma sensação temporária de se estar no mesmo espaço. O objetivo foi compreender e caracterizar, então, o ambiente sonoro envolvido no processo de produção de *Buemba!, Buemba!*, tendo o humor, o riso e a descontração como elementos que podem potencializar relações – e funcionar como uma espécie de “colo acolhedor” para o ouvinte. Tendo em vista o grande volume de edições, o estudo considerou a edição do período da greve nacional dos caminhoneiros de 2018 como recorte essencial, embora aborde também outras edições. O período foi escolhido por representar um dos principais acontecimentos daquele ano, envolvendo questões políticas, econômicas, sociais e culturais. O quadro teórico inclui o percurso histórico do radiojornalismo brasileiro, com Ferraretto (2000 e 2014); análises das dimensões do humor, das “brincadeiras” e do lúdico, com autores como Berger (2017), Cyrulnik (1997) e Huizinga (2005); as considerações de Damasceno & Nishizawa (1999) a respeito do humor como ferramenta de crítica política e social; Flusser (1985) com seu estudo a respeito da “escalada da abstração” nos processos comunicacionais; e Baitello (2014) e Menezes (2007 e 2016), que desenvolvem a ideia fundamental de que o som produz laços e ambientes comunicacionais em que os corpos são envolvidos com ou sem escolha. O percurso da pesquisa indica que o humor se configura, então, como característica essencial do quadro, contribuindo para a criação de um ambiente sonoro de pertencimento – tanto entre os jornalistas quanto com os ouvintes.

**Palavras-chave:** Buemba!, Buemba!. Cultura do Ouvir. Radiojornalismo. Humor. Vínculos Sonoros. Ecologia da comunicação.

BLOTA, CHRISTIANO FONTES. **Humor and bonds in radio journalism: BandNews FM's segment Buemba!, Buemba!**. 2019. 69 f. Dissertation of masters degree (in Communication). University Cásper Líbero, São Paulo, 2019.

## ABSTRACT

This paper investigates the sound bonds in *Buemba!, Buemba!*, a segment conducted by journalists José Simão and Ricardo Boechat at radio station BandNews FM. Having been on air for almost 15 years, the daily program consists in a humorous analysis of national and international news. Assuming that sounds can create bonds, it is believed in this work that although the people involved are not (nor do they need to be) in the same physical space, a temporary feeling of being in the same place is created. Thus, the goal was to understand and describe the sound environment involved in the production process of *Buemba!, Buemba!*, having humor, laughing and unwinding as elements capable of deepening relationships – working as a kind of “welcoming embrace” to the listener. Given the big number of editions, this work considered the edition of the 2018 Truck Drivers Strike period as an essential clipping, although it also approaches other editions as well. This period of time was chosen because it represents one of the major events of the year in question, involving issues of political, economic, social and cultural nature. The theoretical framework includes the historical course of Brazilian radio journalism, with Ferraretto (2000 e 2014); the analysis of the dimensions of humor, play and ludic, with authors such as Berger (2017), Cyrulnik (1997) and Huizinga (2005); the considerations of Damaceno & Nishizawa (1999) regarding humor as a tool for political and social criticism; Flusser (1985) with the “dimensional” concepts of communication, which explain the effects of the radio in different physical spaces; and Baitello (2014) and Menezes (2007 and 2016), who develop the fundamental idea that sounds create bonds and communicational environments where the bodies are involved, whether they choose to or not. Therefore, the course of this research indicates that the humor sets itself as an essential feature of the program, contributing to the creation of a sound environment that suggests belonging – both between the journalists and between listeners.

**Keywords:** Buemba!, Buemba!. Listening Culture. Radio journalism. Humor. Sound bonds. Communication ecology.

## Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>11</b>
<b>Capítulo 1 – Panorama e contexto de BandNews FM e do quadro <i>Buemba!, Buemba!</i> .....</b>	<b>15</b>
1.1 A BandNews FM .....	16
1.2 Ricardo Boechat .....	19
1.3 José Simão.....	21
1.4. Buemba!, Buemba! .....	23
<b>Capítulo 2 – <i>Buemba! Buemba!</i>: humor e crítica social.....</b>	<b>30</b>
2.1. “O cômico é a percepção mais séria que existe” .....	35
<b>Capítulo 3 – O humor no radiojornalismo: Simão e Boechat.....</b>	<b>50</b>
3.1. Os vínculos sonoros em Buemba!, Buemba! .....	53
3.2. A morte do xamã.....	59
<b>Considerações finais .....</b>	<b>63</b>
<b>Referências .....</b>	<b>66</b>

## Introdução

Depois de muitos anos no meio jornalístico, surgiu a necessidade de compreender a complexidade do fenômeno comunicacional que envolve a prática jornalística. Falar, expor ideias, pensar, informar – como este processo é feito? Mais do que isso: o que está por trás da informação? A experiência de mais de 25 anos de Rádio e TV me fez ter a certeza de que a mensagem passa por diversas “filtragens”, antes de chegar ao ouvinte/espectador.

Quem disse? O que disse? Como disse? Quando? Quem? Quando? Como? Onde? Aconteceu tal fato, realmente? Estas são algumas perguntas que começam a vir à tona após o contato com uma série de acadêmicos, desde que a comunicação passou a ser estudada. E a comunicação não implica necessariamente a fala, mas todos os gestos, expressões, sons, ruídos que fazem parte da história da ecologia comunicacional na qual o ser humano está envolvido.

Para se chegar à comunicação e, posteriormente, à comunicação com o uso de aparelhos – que reverberou a informação para os mais diversos cantos do planeta –, muito tempo se passou, e o estudo deste fenômeno é considerado recente. Como escreve Edgar Morin, no livro *O enigma do homem*, publicado na década de 1970:

Universo: 7 bilhões de anos  
Terra: 5 bilhões de anos  
Vida: 2 bilhões e meio  
Vertebrados: 600 milhões de anos  
Répteis: 300 milhões de anos  
Mamíferos: 200 milhões de anos  
Antropóides: 10 milhões de anos  
Hominídeos: 4 milhões de anos  
Homo Sapiens: 100.000 a 50.000 anos  
Cidade, Estado: 10.000 anos  
Filosofia: 2.500 anos  
Ciência do Homem: 0  
(MORIN, 1979, s/n).

Sendo o estudo da comunicação recente, o que um mestrando pode almejar? Jogar um fragmento, uma poeira de semente no vasto campo ainda não explorado e muitas vezes infértil, por lacunas que ficam na história recente, do embrionário e complexo sistema da comunicação. O objetivo da pesquisa é vivenciar os efeitos “sonoros” do rádio, veículo que veio para mudar a história humana e passou por tantas transformações desde seu início.

Afinal, o que é ouvir? Algo que fisiologicamente podemos remeter ao tímpano? Acadêmicos como Vicente Romano dizem que sim. Mas todo o corpo como um instrumento de captação de vibrações seria outra resposta do mesmo autor. Por que nos sentimos embalados pelo som? Por que uma pessoa nos é especial no rádio, a ponto de pensarmos nela como membro de uma família? O que nos leva a escutar um programa por mais de dez anos? As respostas a essas questões fizeram certo sentido ao ler artigos acadêmicos, na internet, do professor José Eugenio Menezes, que veio, para minha satisfação, a ser meu orientador na Cásper Líbero.

Eugenio me apresentou a comunicadores “vivos” em corpo, alma. Acadêmicos que transmitem conhecimento na comunicação primária e os que nos deixaram nesta dimensão, mas vivem nos livros, nos sons. Enfim, Norval Baitello Jr., Malena Contrera, Jorge Miklos, Harry Pross, Vilém Flusser, Johan Huizinga e muitos outros estavam prontos a me ajudar quando precisei.

Se formos falar somente da história do rádio no Brasil, sua imensidão de informações, passamos a ter respeito pela ciência, tornamo-nos humildes e temos a certeza de que, para tentar ajudar futuros estudantes, nosso campo de estudo deve ser delimitado, sob o risco de não cumprirmos o que foi proposto antes de entrar em uma faculdade.

Por isso, cheguei a Cásper Líbero com algumas ideias a desenvolver no contexto da Cultura do Ouvir e da Ecologia da Comunicação. Depois de muito refletir, o objeto de estudo escolhido foi o quadro humorístico *Buemba! Buemba!* da BandNews FM, explorando, assim o humor no radiojornalismo. Durante sete anos, trabalhei como âncora do jornal BandNews TV. Quando estava na bancada do jornal, toda manhã abria espaço para que José Simão e Ricardo Boechat comentassem, com humor, os assuntos mais importantes do Brasil e do mundo. O sucesso do programa era tanto, que entrava ao vivo na rádio, na TV, vários trechos da conversa eram exibidos durante o dia, sem contar a repercussão via redes sociais digitais.

Em princípio, pensei em retratar a conversa dos comunicadores por meio da Cultura do Ouvir e da Ecologia da Comunicação, e penso que foi a chave para entrar na jornada do herói, descrita por Campbell. Algumas pistas do magnetismo ou química entre comunicadores e ouvintes; da conversa entre pessoas que ultrapassaram a barreira do campo físico; a sensação de pertencer a um grupo sonoro, ou seja, estar ligado a semelhantes a quem não necessariamente fui apresentado pessoalmente. Pouco a pouco,

a pesquisa foi me guiando para respostas às vezes impensadas. Depois, percebi outro fenômeno importante, não apenas como meio de pertencimento, mas como uma das mais importantes armas da comunicação: o humor.

O humor descrito na pesquisa procura entender a dinâmica imposta no programa de Simão e Boechat. Não há a pretensão de apontar pistas sobre todos os processos de humor e riso. Porém, o foco do estudo, que deve ajudar outros estudantes, é a força do humor na comunicação, como ferramenta de protesto, como mensagens subliminares, como um jogo que burla a fiscalização de uma sociedade pautada em leis. Como escreve Peter Berger, autor fundamental para entender esse processo, “a experiência do cômico é, finalmente, uma promessa de redenção” (BERGER, 2017, p. 11).

A partir do momento que decidi estudar *Buamba! Buamba!*, de Simão e Boechat, procurei ouvir e gravar, na íntegra, as sonoras do programa que estavam guardadas em redes sociais, principalmente o momento em que os comunicadores comentaram a greve dos caminhoneiros de 2018. Decidi focar este movimento por considerá-lo um dos mais importantes na história recente do país.

Uma greve que desabasteceu postos de gasolina no Brasil, impediu que artigos de primeira necessidade chegassem aos destinos, prejudicou a economia com as estradas paralisadas e mostrou a fragilidade de um país que depende quase exclusivamente da malha viária para sobreviver. A greve dos caminhoneiros mostrou um país com um governo fragilizado, uma população insegura e descrente, caminhoneiros exigindo seus direitos, bem como grupos que se apropriaram do fenômeno com objetivos políticos.

Todos os fatos foram fundamentais para que pudéssemos observar o pertencimento gerado pelo som, quando um grupo se unia com humor para protestar, solidarizar, desabafar diante de um país à beira do caos. Aliás, nestes momentos de pânico, o pertencimento através do som se torna boa ferramenta de análise, assim como a força do humor como protesto. O humor de Simão e Boechat carrega mensagens, símbolos, protestos, sempre com a colaboração de um grupo que interage via rede social e, assim, participa de um ambiente dialógico vinculado pelo som, onde todas as capilaridades do corpo se sentem sonoramente envolvidas, prontas para enfrentar um mundo, que não é fácil, mas torna-se mais “palatável”, “leve”, usando o humor como economia de gasto psíquico, como observou Freud.

O riso com Simão e Boechat torna-se uma ferramenta de pertencimento e de crítica social. Aliás, o humor em forma de um sermão muitas vezes se prova mais eficiente que a crítica séria. Como afirmou Débora Cristina Morato Pinto, na introdução

de uma das obras de Bergson, sobre a função básica do riso: “castigar o cômico que a rigidez representa na medida em que ela se opõe a maleabilidade indispensável ao ajuste vital e social” (PINTO *apud* BERGSON, 2018, p. 19).

Durante minha pesquisa, Ricardo Boechat faleceu em um trágico acidente de helicóptero. Naqueles dias, os ouvintes se sentiram desamparados e até mesmo desolados com o acontecimento, como mostraram nas redes sociais digitais. As expressões de dor por parte daqueles que trabalhavam diariamente com Boechat evidenciaram de forma concreta o fenômeno de pertencimento a um ambiente sonoro vinculador.

No decorrer do tempo em que ouvi as sonoras de Simão e Boechat, procurei pesquisadores que conversassem com o fenômeno e, a partir de análise bibliográfica da repercussão nos meios terciários, pude chegar a algumas pistas que serão lidas nos próximos capítulos, bem como na conclusão proposta.

No primeiro capítulo, destacamos o surgimento da BandNews FM e as produções de José Simão e Ricardo Boechat até se encontrarem para compor *Buemba!, Buemba!*. Já no segundo capítulo, trazemos um breve panorama do humor e a relação entre o conteúdo veiculado por *Buemba!, Buemba!* e a força política, histórica e social do riso. Para encerrar, no terceiro capítulo mostramos como o humor feito por Simão e Boechat é capaz de gerar vínculos sonoros – por compreender que, assim como o som, o riso gera conexões e pertencimento.

## **Capítulo 1 – Panorama e contexto de BandNews FM e do quadro *Buamba!*, *Buamba!***

Não é de hoje que o rádio se coloca como fiel companheiro das pessoas, tanto nos momentos de insônia, quanto na necessidade de informação, de conhecimento, na hora de ir ao trabalho ou aos estudos, e, em muitos casos, para saber como está o trânsito nas cidades. É um meio social que participou praticamente de todos os movimentos políticos e sociais da história brasileira moderna.

O jornalismo acompanha a trajetória do rádio no país desde o início: já nas primeiras emissoras, os ouvintes tinham à disposição boletins informativos e opinativos acerca dos acontecimentos da época. Ainda que o rádio tenha “nascido musical”, é o radiojornalismo que dá a ele sua devida importância (PRADO, 2012).

A “invenção” do rádio é muitas vezes atribuída ao físico italiano Guglielmo Marconi, que teria desenvolvido a tecnologia de transmitir o som por ondas de rádio no fim do século XIX. Também nesse período, o padre brasileiro Roberto Landell de Moura conduzia pesquisas similares ao fazer experimentos com ondas eletromagnéticas na busca por transmissão de sons. É por isso que Ferraretto (2010) acredita que as primeiras experiências com transmissão de som podem ser atribuídas a diversas pesquisas pelo mundo ao longo do tempo.

Ainda segundo Ferraretto, a criação do rádio é consequência direta da evolução de estudos com ondas eletromagnéticas e do uso do telégrafo e do telefone. Mas a radiodifusão sonora representa mais do que isso:

[Trata-se do] esforço do ser humano para atender a uma necessidade histórica: a transmissão de mensagens a distância sem o contrato pessoal entre o emissor e o receptor, origem dos serviços de correio e dos primitivos sistemas de comunicação por sinais (tochas luminosas, bandeiras, fumaça, tambores...) (FERRARETTO, 2000, p. 80).

A possibilidade de transmitir os sons não implicava, no entanto, o conhecimento necessário para o surgimento do rádio tal como conhecemos hoje. Inicialmente bidirecional, o veículo nasceu a fim de aproximar dois sujeitos afastados. Quem enxergou o rádio como meio de comunicação em massa foi David Sarnoff, russo radicado nos Estados Unidos, em 1916. As ideias de Sarnoff revolucionariam o modo de fazer rádio.

Diversos teóricos se arriscaram na missão de tentar decifrar e descrever a

trajetória do rádio – no Brasil e fora dele. É natural o desejo de elencar acontecimentos, nomes, programas, enfim, eventos de destaque no que tange ao histórico do rádio e da radiodifusão.

A tarefa de resgatar historicamente este meio de comunicação é, no entanto, não é o foco deste. Tendo em vista que esse processo pode se tornar desgastante, reconhecemos aqui que a história do rádio no Brasil já está registrada em diversos textos, livros e análises que, naturalmente, foram consultados para o desenvolvimento da pesquisa. Deixo para autores mais consolidados a incumbência de desvendar os principais elementos factuais do rádio. Destaco, assim, as contribuições de nomes como Luiz Artur Ferrarretto (2000), Magaly Prado (2012), Sonia Virgínia Moreira (1991), Lia Calabre de Azevedo (2002), Reynaldo Tavares (2014), entre outros. Esses autores já fizeram esse percurso e têm credibilidade para guiar pesquisadores com interesse na história do rádio propriamente dita.

O rádio é resultado de incontáveis experimentos físicos, e, não à toa, sua imagem está com frequência associada à música. O jornalismo, no entanto, é um elemento que deu relevância ao veículo (PRADO, 2012). É preciso dar um salto no tempo para concluir que não é de hoje que o rádio demonstra poder e alcance na divulgação de notícias que impactam a sociedade, em determinado contexto histórico. Ainda que os anos de ouro do veículo tenham durado até a chegada da televisão, na década de 1950, a praticidade do rádio ainda se faz muito presente hoje em dia.

## 1.1 A BandNews FM

A BandNews FM coloca-se como “a primeira rede brasileira de emissoras de rádio em FM com jornalismo 24 horas no ar”. Inaugurada no dia 20 de maio de 2005, atualmente transmite notícias para as cidades de São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Manaus, Salvador, Curitiba, Fortaleza, João Pessoa e Vitória (BANDNEWS FM, 2019).

Muito antes de tudo isso, desde a década de 1930, a *Rádio Bandeirantes*, do mesmo grupo, já possuía programação inteiramente dedicada às notícias. Embora não se adeque totalmente ao formato *all news*, por possuir programas de debates e entrevistas, a emissora tem destaque quando se trata de radiojornalismo nacional.

A ideia da BandNews FM, desde o início, foi repercutir o noticiário do Brasil e do mundo, mas destacar principalmente o cotidiano de cada cidade onde se estabeleceria.

Segundo Sacchitiello (2015), a missão da emissora era (e continua sendo) levar jornalismo simples e direto à população, “simplificando os assuntos considerados complexos”. A programação é pautada pela proposta de atualização das notícias a cada vinte minutos.

A CBN troca o ciclo de informações a cada meia hora e a BandNews a cada vinte minutos. Quando a CBN nasceu não existia no país nenhuma experiência com emissoras all-news que tivesse dado certo, por isso, levou um tempo para que pudesse criar sua estrutura. Desse modo, a emissora ficou por um longo período associada a um conteúdo mais denso/pesado enquanto a BandNews nasce com a proposta de ser mais leve/jovem (TOZO, 2017, p. 9).

O jornalista Carlos Nascimento foi o responsável pela “inauguração” da emissora. Ele ficou com o “horário nobre do rádio”, das sete às nove horas da manhã. Nomes como Marcello D’Angelo e Nilo Frateschi Jr. fizeram parte do processo de criação.

Em 2006, o cargo de maior destaque deixou de ser de Nascimento e passou para Ricardo Boechat. Aos poucos, a rádio incorporou Boris Casoy e Marcelo Parada também como âncoras dos jornais transmitidos ao longo do dia.

Em junho de 2010, a BandNews torna-se também uma emissora de TV por assinatura, transmitindo conteúdo exclusivo e repercutindo material produzido pela rádio.

Segundo Almeida (2010), o conteúdo que a emissora coloca no ar mistura informação com análise e opinião, abordando assuntos diversos: “política, economia, esporte, trânsito, tempo, lazer, temas femininos entre outros” (ALMEIDA, 2010, p. 27). Almeida (2010) afirma que a BandNews FM tem cobertura que soma mais de 53 milhões de brasileiros.

[A BandNews FM] já foi eleita a mídia do ano, ganhou inúmeros prêmios e foi:  
Finalista da 27ª edição do Prêmio Caboré 2006, a mais importante premiação da indústria brasileira de comunicação, na categoria “Veículo de Comunicação Mídia Eletrônica”;  
“Veículo Eletrônico do Ano 2006”, na 23ª edição do Prêmio Colunistas São Paulo;  
Vencedora do Prêmio Comunique-se em 2006 de Melhor Âncora de Rádio para Ricardo Boechat;  
Vencedora de Prêmio APCA 2006, na categoria “Humor”, pela coluna “*Buamba! Buamba!*” com José Simão;  
5ª rádio mais admirada do país, na enquete coordenada pela Troiano Consultoria de Marca e realizada pelo Meio & Mensagem Online, dirigida ao mercado publicitário (BANDNEWS TV *apud* ALMEIDA, 2010, p. 27).

O quadro de apresentadores inclui, em 2019, Eduardo Barão, Reinaldo Azevedo, Sheila Magalhães, Carla Bigatto, Eduardo Oinegue, Felipe Bueno e outros. No entanto, Ricardo Boechat era, até seu falecimento em fevereiro de 2019, um dos principais jornalistas da emissora, quase o rosto da BandNews. Falaremos sobre ele mais adiante. Dentre os colunistas, a rádio conta, entre outros, com Mônica Bergamo, Milton Neves, Leandro Karnal e José Simão.

Hoje, a BandNews FM pode ser ouvida no dial 96,9, ao vivo, pelo site da emissora ([www.bandnewsfm.com.br](http://www.bandnewsfm.com.br)), em transmissão *streaming* pelas redes sociais e também pelas gravações em vídeo feitas do estúdio, disponibilizadas no YouTube.

Conforme Nascimento (2010), a programação é composta por blocos de vinte minutos com notícias do dia. “Nesses blocos, 5 minutos são dedicados a programação local (cotidiano, repórter aéreo, previsão do tempo, condições do trânsito, política regional e polícia). No final dos blocos sempre há uma análise de um colunista” (NASCIMENTO, 2010, p. 4). Nascimento lembra que há faixas de programação exclusivamente local pela manhã, no fim da tarde e à noite.

Em entrevista dada ao *Portal Meio & Mensagem* em 2015, na celebração de dez anos da emissora, a âncora e editora-chefe da rádio Sheila Magalhães disse que a BandNews soube aproveitar as ferramentas sonoras disponíveis para atrair público.

A rádio sempre explorou bem os recursos de emissoras musicais do FM, com vinhetas, chamadas e quadros”, diz Sheila. “Isso nos deu um aspecto mais moderno, fazendo com que conquistássemos um público que não estava habituado a acompanhar notícias pelo rádio (SACCHITIELLO, 2015).

Morgado (2019) destaca que, apesar de a BandNews FM ser uma rádio voltada para as “elites econômicas e culturais do Brasil”, ela se vale muito da informalidade e do humor. De fato, antes de apresentar qualquer notícia, os jornalistas da emissora fazem um exercício interessante: “costumam se perguntar como fariam daquele assunto para seus amigos, numa mesa de bar” (SACCHITIELLO, 2015).

A linguagem da BandNews FM segue premissas fundamentais do rádio<sup>1</sup>, este que funciona como instrumento democrático da informação. Tozo (2017) defende que, nesse sentido, o rádio é um dos meios mais próximos do público. “No quesito cidadania, [o rádio é] o mais completo no sentido de fazer valer os direitos garantidos através da sua

---

<sup>1</sup> Segundo Silva (1999), os elementos constituintes da linguagem radiofônica são: “o texto verbal-escrito, a voz e a sonoplastia (trilha, efeitos sonoros, ruído e silêncio)” (p. 18).

programação. O rádio é o porta-voz, o fiscal da sociedade, aquele amigo que esclarece suas dúvidas” (TOZO, 2017).

A BandNews FM, após quase catorze anos de trajetória, carrega o título de uma das maiores emissoras de rádio do país, especialmente quando se trata de conteúdo jornalístico. Nos últimos anos, o veículo incluiu não apenas a transmissão do conteúdo na internet, mas também tem incorporado novas formas de fazer jornalismo ao fluxo de trabalho. O WhatsApp, por exemplo, passou a ser uma ferramenta de alerta importante. Sheila Magalhães, em entrevista ao *Portal Comunique-se*, destacou que as informações sobre a queda do avião com o então presidente Eduardo Campos chegaram, inicialmente, pelo aplicativo de mensagens.

nesses momentos, como sempre fazemos, checamos com as fontes oficiais antes de noticiarmos no ar. Mas é um alerta que chega para a redação, que se prepara muito melhor para o momento da confirmação. A tecnologia é um enorme facilitador para um trabalho cada vez mais amplo e especialmente ágil. Um trabalho cada vez mais abrangente e mais multiplataforma (DANELLI & ORLANDO, 2015, p. 8).

Ela ressalta, no entanto, que a BandNews se esforça para, nesse contexto, não perder de vista questões essenciais do jornalismo feito com qualidade: “informação correta, atualizada e passada de maneira compreensível para o seu público” (DANELLI & ORLANDO, 2015, p. 8).

## 1.2 Ricardo Boechat

Ricardo Eugênio Boechat nasceu em Buenos Aires, na Argentina, em 13 de julho de 1952, mas construiu sua carreira como jornalista no Brasil. Filho de um diplomata brasileiro com uma argentina, Boechat se tornou um dos maiores nomes da comunicação do país, somando mais de 45 anos de profissão como repórter, colunista, âncora e locutor de rádio.

A carreira do jornalista teve início em 1970, no extinto *Diário de Notícias*, no Rio de Janeiro, quando trabalhou na coluna de Ibrahim Sued (PORTAL DOS JORNALISTAS, 2019).

Em 1983, Boechat foi para o jornal *O Globo*, “onde se tornou colunista, até ser convidado pelo então governador do Rio, Moreira Franco, para chefiar a Secretaria de Comunicação do Estado, em 1987” (BBC BRASIL, 2019).

Em seguida, passou pelo *Jornal do Brasil* e pelo *O Estado de S. Paulo* – neste último, ganhou o Prêmio Esso de Reportagem em 1989. Naquele mesmo ano, retornou a *O Globo* e “ali se fixou como um dos colunistas mais influentes do país” (PORTAL DOS JORNALISTAS, 2019), conquistando mais dois prêmios Esso: em 1992, na categoria Informação Política, e em 2001, na categoria Informação Econômica.

Boechat saiu do *O Globo* ainda em 2001 quando foi para o então *Jornal do Brasil*, como colunista. Pouco depois, ganhou também uma coluna no SBT, exibida em um telejornal da emissora. Vale dizer que Boechat é autor do livro *Copacabana Palace – Um hotel e sua história*, de 1998.

Em 2006, entrou para o Grupo Bandeirantes, que se transformou em sua segunda casa até o fim da vida. Boechat começou como diretor de jornalismo no Rio de Janeiro e, mais tarde, passou a ancorar o *Jornal da Band*, principal noticiário da emissora. No mesmo ano, assumiu o horário nobre *da BandNews FM* e se consolidou, ao longo do tempo, como o “rosto” do veículo no rádio.

Além dos três prêmios Esso, Boechat garantiu a 11<sup>a</sup> posição dentre os jornalistas mais premiados do país. Ele recebeu:

Um White Martins de Imprensa, além de nove Comunique-se – 2007, 2010 e 2012, na categoria Âncora de TV; 2006, 2008 e 2010, como Apresentador/Âncora de Rádio, e 2008, 2010 e 2012, como Colunista de Notícia. Pelo acúmulo de troféus Comunique-se, entrou para a Galeria de Mestres do Jornalismo da competição e passou a ser considerado *hors-concours* em duas categorias: Apresentador/Âncora de Rádio e Colunista de Notícia [...]. Também foi eleito o jornalista ‘Mais admirado’ na pesquisa de Jornalistas & Cia em 2014, que elencou os 100 principais profissionais do mercado (PORTAL DOS JORNALISTAS, 2019).

Em 2019, seguia como âncora do *Jornal da Band* e na *BandNews FM*, além de escrever uma coluna na revista *IstoÉ* (ESTADÃO CONTEÚDO, 2019). Era, então, conhecido de todos os brasileiros, “companheiro” diário na televisão, no rádio e nas revistas de todo o país.

Em 11 de fevereiro, enquanto voltava para São Paulo de um evento em Campinas, Boechat foi vítima de um acidente de helicóptero. O jornalista e o piloto da aeronave faleceram. O Brasil perdeu, naquele começo de tarde, um de seus maiores jornalistas, aos 66 anos. Ele deixou a mulher, a também jornalista Veruska Seibel, e seis filhos.

O velório de Boechat foi aberto e ocorreu no Museu da Imagem e do Som (MIS), na Zona Sul de São Paulo. A cerimônia foi marcada por uma fila de admiradores e fãs,

que fizeram questão de dar adeus ao jornalista.

“Não perdia um programa”, comentou a diarista Marly Sudário, de 51 anos, fã que todos os dias o acompanhava na TV e no rádio. Para ela, é o humor de Boechat que vai guardar na memória. “Gostava da risada.” [...] O produtor de eventos e motorista de aplicativo Arnaldo de Freitas, de 34 anos, fez questão de cumprimentar a mulher de Boechat, Veruska Seibel Boechat, que ele só conhecia de ouvir o jornalista falar ao microfone. “Todo dia, às 7h30, o escutava no rádio. E sentia como se fosse da família”, disse. “Ele sentia como a população. E eu gostava de como trazia para a conversa a família dele” (ESTADÃO CONTEÚDO, 2019).

Para o Grupo Bandeirantes, a morte de Boechat representa não apenas uma lacuna na programação da emissora, mas uma perda irreparável para o jornalismo.

“Tinha uma graça e um jeito de fazer jornalismo que não vai ter outro”, disse [o presidente do Grupo Bandeirantes de Comunicação, João Carlos Saad]. Ao ser perguntado sobre as lições que o jornalista deixou, acrescentou: “Ensinou a ser duro sem perder a ironia e o humor” (ESTADÃO CONTEÚDO, 2019).

### 1.3 José Simão

José Simão, nascido em São Paulo em 31 de dezembro de 1943, é filho de um médico árabe com uma dona de casa. Brincando com o fato de sua mãe ser loira, Simão gosta de dizer que “deu macaco na cabeça!”. Considerado um dos mais “irreverentes cronistas da imprensa brasileira” (BANDNEWS FM, 2019), Simão é representante do humor no jornalismo em território nacional. Segundo a *Revista Trip*, “ele é o mais engraçado, escrachado, lido e comentado colunista brasileiro” (TRIP, 2011).

Em 1969, José Simão entrou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Em seu blog no *UOL*, Simão conta por que o curso não funcionou para ele.

eu matava aula com o namorado da Wanderléa pra ir assistir o programa de rádio do Erasmo Carlos. E aí eu desisti. Senhor Juiz, Pare Agora!

E aí eu fui pra Swinging London, usava calça boca de sino, cabelo comprido e assisti ao show dos Rolling Stones no Hyde Park. E alguns bicos pra BBC (BLOG DO SIMÃO, 2019).

Quando voltou de Londres, Simão aproveitou o auge do tropicalismo. Ele conta que passou dois anos “batendo palma pro pôr do sol e assistindo ao show da Gal toda noite. E depois diz que hippie não faz nada” (BLOG DO SIMÃO, 2019). Em 1987, após trabalhar por pouco tempo em uma editora, entrou para o quadro de funcionários da *Folha de S. Paulo* como colunista do caderno *Ilustrada*. Permanece no veículo até hoje.

Inicialmente escrevendo sobre televisão, Simão logo migrou para variedades do noticiário e adotou um formato muito característico.

Desde então Simão desenvolveu um estilo de escrita peculiar, capaz de levar a informalidade e a zombaria ao paroxismo. Política, futebol, cultura e as mazelas do cotidiano da cidade são os temas que costuma abordar na coluna. Seus textos, compostos de períodos curtos e ágeis, repletos de trocadilhos, exclamações e bordões, tornaram-se conhecidos pela quantidade e atualidade das piadas que são capazes de condensar (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2019).

Com a coluna, ele se autointitulou “Macaco Simão”, um apelido que teria recebido na infância. Anexou ao título o cargo de “Esculhambador Geral da República”, no que ele chama de “país da piada pronta”. Na sua biografia, consta que Simão se vê como precursor do humor jornalístico, “com texto oral, rápido e visual, bastante utilizado hoje” (PORTAL DOS JORNALISTAS, 2019).

Simão é autor de bordões e expressões que caíram no gosto popular. Dentre elas, “nóis sofre mas nóis goza!”, “vou pingar o meu colírio alucinógeno”, “hoje só amanhã” e “*buemba! buemba!*”. Ele desenvolveu também um dicionário de termos de “tucanês”, uma sátira ao vocabulário rebuscado e prolixo de Fernando Henrique Cardoso (PSDB), que se tornou muito conhecido. Com o sucesso, criou também o dicionário “antitucanês” – que seria o oposto, com termos diretos – e o “lulês”, com referências à linguagem de Luís Inácio Lula da Silva.

Os textos do jornalista-humorista estão reunidos em diversos livros publicados ao longo de sua carreira: *Macaco Simão no cipó das onze ou Se acordar cedo desse dinheiro passarinho já tava milionário* (1989), *Guia do Lamagate ou Macaco Simão na República das Bananas* (1992), *Macaco Simão no Tetra* (1994), *Macaco Simão em Nós Sofre Mais Nós Goza* (1999), *No país da piada pronta* (2007) e *A esculhambação geral da República* (2011) – este último sobre a história do Brasil.

De 2002 a 2013, Simão conduziu um telejornal humorístico, chamado *Monkey News*, dentro do portal *UOL*. Com o fim do telejornal, transformou o *Monkey News* em blog, que ainda assina, definindo-o como “notícias e imagens da gandaia nacional. E internacional! A CNN do escracho! Placas que mostram como Brasil é lúdico e único! Tudo com muito humor. Viva o humor! Abaixo o rancor!” (BLOG DO SIMÃO, 2019).

Em 2004, Simão inicia sua carreira na BandNews FM, inaugurando a coluna *Buemba!, Buemba!*. A emissora define as inserções de Simão como “o quadro mais divertido, espirituoso e sincero do rádio brasileiro” (BANDNEWS FM, 2019).

Falaremos especificamente sobre a estrutura de *Buemba!, Buemba!* adiante.

Em junho de 2012, a coluna de Simão passou a ser exibida no jornal mineiro *Hoje em Dia* (PORTAL DOS JORNALISTAS, 2019). O Grupo Bandeirantes também aproveita os comentários debochados do Macaco Simão na grade da BandNews TV e do canal da BandNews FM no YouTube.

Além da sua atuação nos veículos de comunicação tradicionais, Simão se aproveita, atualmente, das redes sociais – principalmente do Twitter e do Facebook – para comentar, com muito humor, ironia e sarcasmo, o que repercute no noticiário local e estrangeiro.

Dentre os prêmios que conquistou, merece destaque o Comunique-se 2010, na categoria Colunista de Opinião. Em 2015, Macaco Simão integrou ainda a lista dos “TOP 50” dos “+Admirados Jornalistas Brasileiros” (PORTAL DOS JORNALISTAS, 2019).

#### **1.4. *Buemba!, Buemba!***

Idealizada, produzida e liderada por José Simão, *Buemba!, Buemba!* é uma coluna diária transmitida ao vivo pela BandNews FM. Até fevereiro de 2019, o quadro contava também com o âncora Ricardo Boechat. Os dois analisavam, de forma cômica e ao mesmo tempo crítica, o dia a dia do Brasil e do mundo. Em forma de diálogo bem-humorado entre Simão e Boechat, *Buemba!, Buemba!* integrava o público num ambiente sonoro-comunicacional engraçado e analítico. Ainda que não participasse diretamente da coluna, o ouvinte parecia fazer parte do bate-papo.

Vale destacar que, nesta dissertação, utilizamos a palavra “quadro” ao nos referirmos à *Buemba!, Buemba!* para respeitar a forma como o produto é tratado pela BandNews FM.

Com base nos estudos a respeito dos gêneros radiofônicos, essa produção sonora poderia ser caracterizada, numa análise inicial, como *programete*. Isso porque, segundo André Barbosa Filho (2003), o programete consiste em um “*drops*” que integra a programação de emissoras de entretenimento. O autor diz que a estrutura do programete é ágil e dinâmico, pressupondo “poder de síntese, fluência e objetividade de quem o escreve”. Tudo isso está presente em *Buemba!, Buemba!*.

No entanto, o que diferencia a conversa firmada entre Simão e Boechat dessa categoria é o tempo: Barbosa Filho estipula no máximo três minutos a duração para um

programete. Em *Buemba!, Buemba!*, observa-se, em geral, cerca de dez minutos de conversa ao vivo.

O quadro – como chamaremos nesta pesquisa – está no ar desde o início da BandNews FM com a proposta de ser “inteligente e bem informado”. Nesses quase quinze anos, o quadro diário criou bordões famosos, pautado numa visão debochada e escrachada de Brasil.

*Buemba!, Buemba!* consiste na análise engraçada dos “principais fatos do dia, que vão desde situações cotidianas do Brasil e do mundo até comentários sobre fotos e fatos trazidos pelos próprios ouvintes” (BANDNEWS FM, 2018). Durante cerca de dez minutos, o autodenominado Macaco Simão constrói, com os apresentadores do *Jornal da BandNews*, uma conversa engraçada que cativa, envolve, informa e diverte o público.

Além do noticiário nacional e de manchetes controversas, algumas situações do cotidiano servem de base para Simão: inspiram a crítica disfarçada de humor, as piadas afiadas e algumas vezes grotescas que apresenta.

O quadro é dividido em uma estrutura simples, que contém a leitura de placas e anúncios tidos como engraçados, a exposição dos nomes de pessoas “predestinadas” aos cargos que ocupam e também uma espécie de “giro de notícias”, além do ocasional “pensamento do dia”. Tudo isso é feito de maneira peculiar: com piadas internas e chavões que se repetem a cada episódio, expondo uma ligação perceptível entre os jornalistas pelos diálogos que travam – o que acaba por criar ligação também com os ouvintes.

No dia 4 de junho de 2018, por exemplo, o quadro entra no ar e Simão dá o seu famoso cumprimento a Boechat e aos ouvintes: “*Buenos dias, Boechat! Acuerda, macacada!*”. Após um breve comentário sobre um assunto que só os dois entendem, Boechat logo pergunta a Simão: “excelência, *habemos* [sic] predestinados?”. “Sim, meu caro Boechat. Temos mais dois predestinados”, o colunista responde. Esse trecho já sugere quão íntimos são os dois jornalistas – logo, quem está acostumado a ouvi-los é também íntimo nesse diálogo.

José Simão: – Bem, no Brasil, ontem tiveram eleições em várias cidades do interior, das capitais, não é isso?

Ricardo Boechat: – Sim.

Simão: – Então vamos com essa: Tianguá, Ceará - Zé Terceiro fica em 3º lugar.

[...]

Boechat: – Esse é predestinado mesmo. É hiperpredestinado.  
Simão: – Ele é do PEN, aquele partido. Os PENtelhos.  
Boechat: – PEN que eu te disse (BANDNEWS FM, 2018).

O colunista José Simão parece representar um personagem no rádio. Já Ricardo Boechat é uma espécie de “escada”, uma figura fundamental no desenvolvimento do texto. Boechat é o suporte necessário para que a conversa siga em um ritmo intenso, sem deixar espaços vazios no programa e até resgatando Simão em momentos em que ele se perde nos textos.

As risadas de Simão e Boechat são um recurso característico do quadro. Na realidade, de forma geral, o riso tem sido ferramenta primordial nos produtos da comunicação. Atualmente, não é possível imaginar programação de rádio ou de TV sem esse recurso. O riso faz parte do contato entre os seres humanos, tendo em vista que “rimos sozinhos, dos outros, de nós mesmos e em grupo” (ROCHA, 2017, p. 17). Mais do que achar engraçado o que Simão e Boechat comentam durante o quadro, a risada dos jornalistas, recurso fortemente usado por eles, reflete no ouvinte.

Compartilhar uma cena cômica com alguém legítima mais ainda a comicidade do acontecimento. Rimos do próprio riso. A piada já passou, mas o efeito anestésico e ao mesmo tempo eufórico de rir contagia o grupo e prolonga o efeito risível [...]. O riso também é usado como uma forma de sociabilidade, para oferecer uma boa impressão ou descontrair em momentos de tensão (ROCHA, 2017, p. 17-18).

Um exemplo disso pode ser verificado na edição do dia 4 de junho de 2018, durante o *Breaking News*, o “giro de notícias” da coluna. José Simão relaciona a greve dos caminhoneiros que tomava conta do país naquele momento com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva:

José Simão: – Se o Brasil declarar estado de sítio, o Lula já mandou avisar que não é dele! Ha ha ha! Como sempre.  
Ricardo Boechat: – Como que ele vai falar que não é dele?  
Simão [imitando a voz de Lula]: – Esse estado aí não é meu, não (BANDNEWS FM, 2018).

Como a paralisação dos caminhoneiros persistia, o então presidente Michel Temer assinou um decreto para permitir a ação do Exército na liberação das estradas que seguiam travadas. A ação do governo não demorou para repercutir nas redes sociais e foi fonte até de *fake news*. Conforme matéria da revista *Veja* publicada em 30 de maio, assinada pelo repórter João Pedroso de Campos, um boato viralizou no WhatsApp após

alertar sobre um suposto estado de sítio decretado pelo governo para conter a greve. A notícia falsa continha até um vídeo que foi usado para ilustrar uma briga hipotética entre deputados no Congresso.

Por tudo isso Simão fala em “estado de sítio”. A relação com Lula foi estabelecida já que o ex-presidente foi acusado de ter recebido “benesses” da empreiteira OAS: a construtora teria investido R\$ 1,1 milhão em obras, móveis e eletrodomésticos em um tríplice no Guarujá que pertenceria à família de Lula. A defesa do ex-presidente nega todas as acusações.

As risadas no diálogo acabam por puxar mais risadas do ouvinte. Esse recurso de Simão e Boechat remete aos *sitcons* (*situation comedy*) estadunidenses, em que a piada destaca determinada cena mais interessante e atrativa. A diferença é que, na medida em que nas séries americanas as risadas são gravadas e inseridas em um momento propício para indução de uma gargalhada, em *Buemba!, Buemba!*, mesmo que as gargalhadas sejam naturais, espontâneas e ao vivo, o efeito gerado no ouvinte parece ser o mesmo.

Como dito anteriormente, o rádio teve de se adaptar às mudanças tecnológicas para garantir sua sobrevivência – não apenas histórica e social, mas como forma de arrecadar lucros. *Buemba!, Buemba!* se adequou a essa realidade, na medida em que a utilização de novas linguagens e formatos surgia e continua a surgir. Além das edições completas em áudio no site da BandNews FM, o quadro passou a ser gravado em vídeo e disponibilizado no canal do YouTube da emissora. Esses conteúdos são aproveitados também nas redes sociais da BandNews FM, especialmente no Facebook.

Fica evidente, então, que um mesmo produto – *Buemba!, Buemba!*, no caso – transita entre diferentes mídias. Por se tratar de um conteúdo compartilhado em diferentes plataformas, entende-se que o quadro segue a estratégia *cross media*. Segundo Castilho (2006), a narrativa *cross media* (ou mídias interconectadas) envolve texto, imagens (estáticas e animadas), sons e interatividade.

[...] a *cross media* é um conceito mais dinâmico porque se vincula especificamente ao processo de transição de uma mídia para outra. Ela é considerada a forma ideal de narrativa para a web porque o sistema de hiperlinks permite a passagem de uma mídia para outra sem interrupções ou necessidade de mudar de equipamento (CASTILHO, 2006)

Essa adequação, que até aqui segue modelos de migração tecnológica mais ou menos comuns entre outras emissoras de rádio, incorporou a linguagem da internet para

dentro do quadro. Significa dizer que José Simão e Ricardo Boechat aproveitam conteúdos virais da internet para tratar, de forma humorística, de assuntos relevantes do cenário nacional e internacional.

Como nos *memes*, Simão e Boechat não se preocupam em deixar claro se o que estão noticiando é mesmo real, se aconteceu ou é apenas ficção. Trata-se, afinal de contas, de um quadro de humor que não promete o compromisso, com a possível objetividade, exigido dos jornalistas e seus respectivos veículos pelo público e pelas convenções – que implicam à prática jornalística funções sociais e responsabilidade pública.

A sessão *Breaking News*, por exemplo, é construída por manchetes do cenário político, econômico e social do país. Os jornalistas usam frases reais e ficcionais em sequência, semelhante a um “giro de notícias” de um jornal tradicional. Em nome do humor e das críticas, aproveitam no roteiro manchetes consideradas absurdas de veículos reais e também inventam manchetes que bem poderiam ser reais no que eles chamam de “país da piada pronta”.

A edição de 4 de junho de 2018 ocorreu no dia seguinte à Parada LGBT de São Paulo, uma das maiores do mundo, e o evento repercutia na imprensa e nas redes sociais. *Buemba!, Buemba!* aproveitou para falar do assunto:

José Simão: – Fizeram pesquisa na Parada Gay – “DataGay”...  
Ricardo Boechat: – “DataGay”...  
Simão: – Pabllo Vittar<sup>2</sup> leva no primeiro turno ha ha ha!  
[...]  
Simão: – “DataGay”: menos Bolsonaro<sup>3</sup> e mais Beyoncé<sup>4</sup>! Ha ha ha!  
Boechat: – Beyoncé para presidente!  
Simão: – Para presidente é o Pabllo Vittar! Ha ha ha! (BANDNEWS FM, 2018).

Fica claro que Simão aproveitou não apenas o tema Parada LGBT, que estava em destaque, como também inseriu elementos próprios do jornalismo. “DataGay” é uma referência ao Datafolha, instituto de pesquisa que, entre outras atividades, sonda a indicação de voto do brasileiro em anos eleitorais.

A notoriedade de Simão como um dos grandes nomes do humor no jornalismo rende muito material enviado por seus ouvintes e leitores, que é sempre aproveitado no

---

<sup>2</sup> Phabullo Rodrigues da Silva, conhecido como Pabllo Vittar, é um cantor brasileiro. Por ser homossexual e *drag queen*, faz sucesso principalmente entre os membros da comunidade LGBT.

<sup>3</sup> Jair Messias Bolsonaro é um militar e político brasileiro, atual presidente da República. É conhecido por sua postura nacionalista e conservadora, abertamente contra os direitos dos LGBTs.

<sup>4</sup> Beyoncé é uma cantora e compositora norte-americana dos gêneros R&B e Pop. Sua atuação engloba a defesa dos direitos de LGBTs, especialmente nos Estados Unidos.

seu espaço no rádio. Mas, atualmente, ele também encontra na internet grande parte do que necessita para seu quadro. Muito do que o jornalista comenta no programa de Boechat é postado em sua conta no Twitter e no Facebook (sem contar, é claro, em suas colunas na Folha de S. Paulo e no UOL). As três personalidades citadas no diálogo acima – Pablo Vittar, Bolsonaro e Beyoncé – estão em evidência nas redes sociais a todo momento, o que reforça essa ideia.

Segundo Nascimento (2010), as inserções de Simão no jornal ancorado por Boechat têm a sátira carregada de adjetivos como formato – “sempre relacionada à principal pauta/editorial/retranca principal do dia/semana/período” (NASCIMENTO, 2010, p. 4). A autora acredita que o humor em *Buemba!, Buemba!* se apoia na repetição de frases e expressões com viés e significados sociais (NASCIMENTO, 2010).

O colunista se debruça em fatos do cotidiano, do dia a dia das pessoas, para fazer o interlocutor rir. O mais interessante é o que se pode observar é que José Simão “precisa” de um roteiro para produzir o riso no outro. Não é espontâneo. Ele pesquisa. Faz Datapadaria (pesquisa diária feita na padaria onde o colunista toma café da manhã todos os dias para conhecer o que o público está comentando) ou dos e-mails enviados pelos ouvintes e ou leitores (NASCIMENTO, 2010, p. 10).

Embora os jornalistas José Simão e Ricardo Boechat privilegiem o humor em detrimento do exercício do jornalismo comum, nota-se que os elementos gerais seguem estruturando o quadro *Buemba!, Buemba!*. Não se abandona, portanto, os propósitos do jornal onde a coluna está inserida, tampouco da BandNews FM, uma emissora *all news* que garante que “em 20 minutos tudo pode mudar”.

José Simão e Ricardo Boechat enxergaram na tecnologia – e nos formatos e linguagens que vieram com ela – novos horizontes e vínculos para a coluna *Buemba!, Buemba!*. Assim, mais do que se adequarem à evolução dos equipamentos tecnológicos, os jornalistas ajustaram a linguagem da internet para dentro do rádio. Aliaram o humor dos *memes* ao já então praticado humor do rádio.

Por consistir num bate-papo tão íntimo, arrisca-se a dizer que o quadro *Buemba!, Buemba!* não faz sentido se o ouvinte não está conectado aos acontecimentos recentes. Ou seja, não é o tipo de coluna que se ouve como fonte de informação – nem é essa a proposta, afinal. São comentários sobre notícias, ficcionais ou não. Trata-se de um quadro para rir (e refletir), se o ouvinte já estiver inteirado sobre os assuntos em questão.

O quadro configura um ambiente tão comum aos envolvidos, que muitas piadas

são feitas sem contextualização. Quem ouve pode, dessa forma, ficar sem entender algum tópico. Porém, a rapidez de mudança de um assunto para o outro ameniza esse fator, já que aquela informação não compreendida logo é substituída por outra que pode ser entendida.

Para Almeida (1998), o ouvinte está em “comunhão” com o emissor enquanto ouve as mensagens de *Buemba!, Buemba!*. A autora reconhece, porém, que esse processo exige uma “performance convincente do emissor [no caso, José Simão e Ricardo Boechat], levando em conta a voz e o corpo” (ALMEIDA, 1998, p. 85).

Nesse sentido, Almeida (1998) afirma que a estratégia de Simão é oralizar o texto. Ela analisa esse recurso nas páginas de Simão na *Folha de S. Paulo*: neste caso, o leitor passaria a ser ouvinte até que pudesse imaginar sua performance, e aqui estaria a aproximação com o comico. Arriscamos afirmar que Simão replica a estratégia também no rádio, e Boechat segue seus passos. Dessa forma, *Buemba!, Buemba!* é capaz de tamanha “comunhão” que cria uma espécie de “imagem sonora” no ouvinte. Nas palavras de Almeida (1998), “os significantes sonoros fazem a ideia – a palavra [ouvida] determina o pensamento” (p. 85). Trata-se de uma estratégia de construir a conversa espontânea com um roteiro – o humor afronta o sistema com roteiro.

Com a morte de Ricardo Boechat, chegou-se a acreditar que a “comunhão” teria fim, significando necessariamente a extinção do quadro. A BandNews FM ficou catorze dias sem transmitir *Buemba!, Buemba!*. A coluna foi resgatada, porém, em 25 de fevereiro, ancorada agora por Eduardo Barão e Carla Bigatto. Nessa edição, os três jornalistas fizeram uma homenagem a Boechat. Simão abre a coluna da seguinte forma: “é claro que esse programa vai ser em homenagem ao careca, que vai dar risada com a gente por 10 minutos. Então, palmas para o careca!” (BANDNEWS FM, 2019).

Tendo em vista todos os elementos elencados até o momento, nosso fio condutor nesta pesquisa será o humor no rádio, como veremos no capítulo a seguir.

## Capítulo 2 – *Buemba! Buemba!*: humor e crítica social

Para Ferraretto (2000), o humor no rádio surgiu em 1931, com o programa *Manezinho e Quintanilha*, transmitido na *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*. Durante cinco minutos, os atores Arthur de Oliveira e Salu de Carvalho interpretavam diálogos anedóticos. Outros personagens humorísticos apareceram naquela década, como o português Zé Fidelis, com Gino Cortopazzi (DAMASCENO & NISHIZAWA, 1999).

No final da década de 1930, Renato Murce lançou no Rio de Janeiro o programa *Cenas escolares*, que retratava o ambiente de uma escola complicada. A professora D. Teteca sofria com a indisciplina de seus alunos, sendo o personagem Manduca uma das principais referências – um garoto atrevido e bagunceiro interpretado por Lauro Borges. O programa foi vetado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que considerou o humor uma crítica à educação da época. Murce alterou o ambiente do programa, que não seria mais uma escola, e o título passou a ser *Piadas do Manduca*. A história se passava na casa de uma professora aposentada e durou 25 anos (PRADO, 2012). *Cenas escolares* e *Piadas do Manduca* se assemelham a outros programas do gênero, que vieram posteriormente no rádio e na TV, como *Escolinha do Professor Raimundo* e *Escolinha do Golias*. Ao longo dos anos 1930 outros programas despontaram como sucesso: *Alvarenga e Ranchinho* e *Jararaca e Ratinho*.

Na década de 1940, o humor se popularizou no rádio, tendo como grande destaque o programa *PRK 30*, da Rádio Nacional, que representa, até os dias de hoje, um dos maiores nomes do humor no rádio brasileiro, sendo improvável falar sobre o tema sem mencioná-lo. O programa passava a ideia de uma rádio pirata e satirizava novelas, músicas e a situação política do país com trocadilhos. Assim como o *PRK 30*, ter o cenário nacional como pauta é uma das características principais de *Buemba!, Buemba!*, e, embora a estrutura do primeiro difira do que Simão e Boechat desenvolveram mais tarde, esse é o ponto de intersecção que aproxima os dois produtos.

Em 1947, a *Rádio Nacional* adquire o *PRK 30* e, mais tarde, o *Balança mas não cai*, escrito por Max Nunes e Haroldo Barbosa. O programa era composto por muitos esquetes de humor, com vários personagens, que tinham em comum o prédio em que moravam. Outro sucesso foi *Tancredo e Trancado*, com Brandão Filho e

Apolo Correia, que repercutia as peripécias de dois personagens chamados a solucionar impasses, porém que criavam mais confusão (FERRARETTO, 2000). Osvaldo Moles, criador de programas como a *História das malocas*, com interpretações de Maria Amélia, José Rubens e Adoniran Barbosa (que interpretava o Charutinho), parodiava o modo de vida paulistano (TAVARES, 2014, p. 255).

A partir da década de 1950, com a chegada da televisão, muitos dos formatos de rádio migram de veículo, como *Balança mas não cai*, mas o rádio continuou como criador de novos projetos, e, nos anos 1960 e, principalmente, 1970, surgem programas que têm o improviso como característica, mais do que a piada ou o esquete preparado com antecedência (FERRARETTO, 2000).

Criaram-se programas como *Show de rádio*, *Jovem Pan Disco Dance*, *Djalma Jorge Show*, *Pânico*, *Café com bobagem*, *Chupim*, *A turma da Maré Mansa* – que contava com Chico Anysio –, *Os trapalhões* e *Patrulha da cidade*, um radioteatro de humor policial, que se tornou, com o tempo, mais humorístico do que policial. Na década de 1990 chamaram a atenção muitos programas, como *A hora do ronco*, em que o diálogo seguia um padrão, mas o improviso se destacava. O ouvinte ligava, ao vivo, para contar uma história a partir de um tema proposto por Pedro Ronco e o patrulheiro Joca. As piadas surgiam com casos ditos reais por parte do ouvinte. Um primo, um tio e uma sobrinha eram os personagens geralmente envolvidos em uma conduta sexual escrachada à sociedade da época.

A tabela a seguir reúne a trajetória do humor radialístico no país, com destaques para os principais programas, quadros e nomes que fizeram parte dessa construção. É importante destacar que é uma tabela sem a intenção de ser finalizada num primeiro momento, iniciada como estudo provisório, e que merece ser aprofundada por outros pesquisadores e teóricos. Trata-se de uma tentativa de reunir e categorizar um tema aparentemente disperso, a produção do humor no rádio brasileiro.

<b>HISTÓRIA DO HUMOR NO RÁDIO BRASILEIRO</b>					
<b>Período</b>	<b>Quadro/ Programa</b>	<b>Personagens principais</b>	<b>Quem faz</b>	<b>Emissora</b>	<b>Observação</b>
<b>Década de 1930</b>	Manezinho e Quintanilha	Manezinho e Quintanilha	Arthur de Oliveira e Salu de Carvalho	Rádio Sociedade	Diálogos anedóticos de 5 minutos.
	Cascatinha do Genaro	Zé Fidelis	Gino Cortopassi	Rádio São Paulo	Primeiro humorístico periódico.
	Cenas escolares	Manduca	Renato Murce (criador); Lauro Borges e Castro Barbosa (interpretações)	Rádio Transmissora Brasileira	Ambiente de uma escola complicada com alunos bagunceiros.
<b>Década de 1940</b>	Piadas do Manduca	Manduca	Renato Murce (criador); Lauro Borges e Castro Barbosa (interpretações)	Rádio Nacional	A história se passa agora na casa de uma professora.
	PRK-30	Megatério Nababo D'Alicerce e Otelo Trigueiro	Lauro Borges e Castro Barbosa	Rádio Nacional	Nome de uma rádio clandestina ficcional.
	Balança mas não cai	Primo Rico, Primo Pobre, Fernandinho e Ofélia	Max Nunes e Aroldo Barbosa (criadores)	Rádio Nacional	Esquetes de humor em um prédio. Migrou para a TV Globo em 1968.
	Tancredo e Trancado	Tancredo e Trancado	Ghiaroni (criador); Brandão Filho e Apolo Correia (interpretações); Waldemar Galvão (locução)	Rádio Nacional	Peripécias de dois personagens chamados para resolver problemas, mas que criavam mais.
	História das malocas	Charutinho	Osvaldo Moles (criador); Maria Amélia, José Rubens e Adoniran Barbosa (interpretações)	Rádio Record	Paródia do modo de vida paulistano.

<b>HISTÓRIA DO HUMOR NO RÁDIO BRASILEIRO</b>					
<b>Período</b>	<b>Quadro/ Programa</b>	<b>Personagens principais</b>	<b>Quem faz</b>	<b>Emissora</b>	<b>Observação</b>
<b>1960</b>	Patrulha da cidade		Mário Belisário; Afonso Soares (criador)	Super Rádio Tupi	Radioteatro de humor policial. Mais antigo e bem sucedido programa da Tupi.
<b>1969</b>	Show de Rádio	Comendador Strufaldi; Comendador Fumagale; Noninha; Lorde Didu du Morumbi	Estevam Sangirardi (criador)	Jovem Pan	Esquete que misturava humor e futebol.
<b>1970</b>	A cidade contra o crime		Samuel Correia; Aluísio Pimentel; Afonso Soares (criador)	Rádio Globo	Boletim com comentários sobre ocorrências policiais.
	A Turma da Maré Mansa		Antonio Luiz	Rádio Mauá, Super Rádio Tupi e Rádio Globo	Esquetes leves e eventuais.
<b>1985</b>	Djalma Jorge Show	Djalma Jorge	Antônio Augusto Amaral de Carvalho Filho (Tutinha)	Jovem Pan	Sátiras “politicamente incorretas”.
<b>1987</b>	A hora do ronco		Pedro Luiz Ronco Joca	Rádio Band FM	
<b>1989</b>	Café com bobagem		Zé Américo, René Vanordem, Ênio Vivona, Oscar Pardini e Ivan de Oliveira	Diversas	Quinteto humorístico que se apresenta no rádio, TV e no teatro.

<b>HISTÓRIA DO HUMOR NO RÁDIO BRASILEIRO</b>					
<b>Período</b>	<b>Quadro/ Programa</b>	<b>Personagens principais</b>	<b>Quem faz</b>	<b>Emissora</b>	<b>Observação</b>
<b>Década de 1990</b>	Boi na linha		Emílio Surita	Jovem Pan 2	Trotes telefônicos.
	Vale a pena ouvir de novo		Baby Dolores	Rádio Cidade FM	
	Sabichona			Jovem Pan 2	
	Pânico		Emilio Surita, Marcelo Baptista (o “Cabeça”) e Fernando Mello (Maestro Billy)	Jovem Pan	Humor esgrachado com convidados e participação de ouvintes. Ganhou versões televisivas na Rede TV! e na Band.
	Chupim	Beby	Marcelo Barbur	Metropolitana FM	Trotes telefônicos.
<b>2005</b>	<i>Buamba!, Buamba!</i>		José Simão	BandNews FM	Adquiriu mais sucesso com a ancoragem de Ricardo Boechat.

Tabela elaborada pelo autor. Blota, 2019.

Morgado (2019) lembra que é preciso, porém, fazer uma distinção entre programas humorísticos e bem-humorados.

Neste último caso, o humor entra como um elemento complementar ao conteúdo prioritário, tornando-o mais leve e palatável para um volume maior de ouvintes. Emissoras populares, que lidam de forma bastante particular com o fator emoção, costumam se valer mais do humor (MORGADO, 2019).

Ele ressalta que a BandNews FM, ainda que seja uma rádio jornalística, “se vale da informalidade e do humor para alcançar maiores audiências” (MORGADO, 2019).

Percebe-se na pesquisa que o humor sempre muda de cenário, personagens, ideias, mas muito pouco quanto à essência. O teor crítico é muito presente mesmo nas piadas consideradas inocentes, como veremos a seguir:

o humor é uma forma criativa de descobrir, revelar e analisar criticamente o homem e a vida. É uma forma de desmontar através da imaginação, um falso equilíbrio, anteriormente sustentado pela própria imaginação. Seu compromisso com o riso está na alegria que ele provoca pela descoberta da verdade. Não é a verdade em si que é engraçada. Engraçada é a maneira como o humor nos faz chegar a ela. O humor é um caminho (ZIRALDO *apud* RABAÇA, 2001, p. 373).

## 2.1. “O cômico é a percepção mais séria que existe”

A frase de Peter Berger que dá título a esta seção pode resumir, inicialmente, o humor de Simão e Boechat em *Buemba!, Buemba!*. Conforme descrito acima, nota-se que a piada, como crítica, existe desde a década de 1930 no rádio brasileiro. O humor foi usado para criticar fatos políticos, econômicos e sociais em tempos de censura, como no governo Getúlio Vargas, por exemplo. Percebe-se, então, essa prática como afronta a determinados regimes, sistemas, governos, estruturas e imposições sociais. Ainda que não seja uma crítica negativa direta, o humor pode ser considerado uma ferramenta de protesto.

Uma das mais importantes funções sociais do humor parece sempre ter sido “afrontar” os sentimentos morais convencionais. Embora o humor claramente possa ser usado para propósitos bons ou perversos, o cômico como tal parece estar estranhamente além do bem e do mal (BERGER, 2017, p. 18-19).

Berger trata o humor além do bem e do mal, como numa espécie de sonho. Segundo Berger, em um sonho é possível dizer do que não se gosta e de que maneira não devemos proceder, como questionar um regime dominante, um governante ou qualquer pessoa, já que não há conexão com a realidade. No caso das piadas, é como se houvesse uma forma de entrar em um mundo paralelo, longe do real. Se o humor não for bem aceito, é possível usar o “estou apenas brincando” ou “foi somente uma piada”, como justificativa para não ser malvisto ou mal-entendido.

As piadas contêm entrelinhas e, por vezes, recados de protestos. Nesse sentido, Henri Bergson (2018) afirma que o humor é uma transposição do ideal para o real, ou seja, o humor descreve o que *é*, da forma como *deveria ser*. A pessoa ou a instituição vítimas da piada podem gostar ou não, mas o humor entra com outra força que o difere de uma crítica séria. Como pontua Débora Cristina Morato Pinto, dialogando com Bergson: a vida em sociedade é rígida, tensa e consiste em constante adaptação, que inclui elasticidade para evitar desequilíbrios. A função do riso seria, portanto, a de “castigar a rigidez quando ela se opõe à maleabilidade necessária para um ajuste vital e social” (PINTO *apud* BERGSON, 2018, p. 19). O cômico seria a arte mais próxima da vida, na medida em que faz parte das nossas culturas, conversações, atitudes, atividades etc.

Segundo Lustosa (2011), o humor é utilizado pela imprensa ao longo da história e se configura como característica importante. A autora acredita, porém, que o riso está sempre longe da neutralidade: trata-se do “riso do contraste, que nos mostra o caráter enganador do sério, e o riso da crítica social ou política” (LUSTOSA, 2011, p. 17).

Já Mikhail Bakhtin (2010) afirma que o riso liberta aquele que se sente oprimido. Segundo Claudiana Soerensen (2011), era a forma de se distinguir os festejos de carnaval das cerimônias sérias, na Idade Média e no Renascimento. O comportamento teria surgido com o estabelecimento de regime de classes, Estado e, sendo assim, o caráter cômico tornou-se uma expressão da cultura popular, de maneira não oficial.

O carnaval não se distinguia apenas da vida cotidiana socialmente hierarquizada, mas, sobretudo, das festas oficiais. Enquanto estas consagravam a estabilidade, a imutabilidade e permanência das regras que conduziam o mundo em camadas rígidas, o carnaval proclamava a suspensão de valores, normas, tabus religiosos, políticos e morais correntes (SOERENSEN, 2011, p. 322).

No âmbito extraoficial, o riso tornou-se um modo de se expressar a liberdade e era uma resposta à cultura oficial séria: “O riso liberta tudo que oprime, principalmente o medo limitador” (SOERENSEN, 2011, p. 325). Soerensen interpreta que o século XVI é considerado por Bakhtin como o apogeu da história do riso com a obra de François Rabelais<sup>5</sup>.

O riso nesse período tem um profundo valor de concepção de mundo, de liberdade. É a maneira, diferente do sério, porém não menos importante, de expressar um ponto de vista particular e universal sobre o mundo. Através do riso, exprime-se uma verdade a respeito do homem, da história, dos problemas universais os quais afligem a humanidade (SOERENSEN, 2011, p. 325).

Há muitas semelhanças no humor descrito por Bakhtin com o de Simão e Boechat, principalmente no que diz respeito ao que o pensador chama de carnavalização. Segundo o autor, o riso que vem das manifestações culturais é dividido em três formas: a) riso e espetáculo, que se trata de festejos carnavalescos, ritos e espetáculos; b) obras cômicas e verbais, que se referem aos escritos e histórias orais de naturezas diversas; c) manifestações do vocabulário familiar e grosseiro, como insultos e juramentos (BAKHTIN, 2010, p. 4).

Em Simão e Boechat, o humor e o riso descritos por Bakhtin podem ser identificados na medida em que lembram festejos carnavalescos, bem como obras cômicas representadas em praças públicas. Por exemplo, quando Simão e Boechat “carnavalizam” as notícias mais importantes do dia, “ofereciam uma visão de mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferente, deliberadamente não-oficial, exterior à Igreja e ao Estado” (BAKHTIN, 2010, p. 4). Em 2007, circulou em jornais da época que o rabino Henry Sobel pediria perdão ao Papa Bento XVI, por conta de denúncias de que teria furtado gravatas de uma loja de grife em Miami. Simão e Boechat comentam o caso:

Ricardo Boechat: – Tem uma informação de bastidores, uma informação ecumênica de um encontro ecumênico. Meu caro Simão, por favor, quem é que vai se encontrar com o Papa?

José Simão: – O rabino Sobel. É verdade. Eu li ontem que o rabino vai pedir desculpas para o Papa. Mas ele não roubou a gravata do Papa ha! ha! ha! Ele tem que pedir desculpas para a “Vuitton”<sup>6</sup> ha!

<sup>5</sup> Foi um escritor, padre e médico francês, conhecido pelas obras *Pantagruel* e *Gargântua*. Os dois escritos são considerados obras-primas do cômico, explorando lendas e narrativas escatológicas.

<sup>6</sup> Referência a Louis Vuitton, loja especializada em bolsas, roupas e sapatos de luxo.

ha! ha!  
Boechat: – Para quem?  
Simão: – Para a Vuitton ha! ha! ha!  
Boechat: – Mas não foi uma gravata só!  
Simão: – Ou então ele pede pro Armani<sup>7</sup>, pro Vuitton, mas não para o Papa. O Papa não usa gravata ha! ha! ha! Ou então ele está com medo de ir para o inferno. Mas o Diabo não veste gravata ha! ha! ha! (BANDNEWS FM, 2007).

Neste ponto, arrisca-se afirmar que Bakhtin dialoga com Berger – especialmente quando ressalta que o humor aponta um caminho alternativo, o não convencional, tendo em vista uma sociedade que se pauta pelo respeito às instituições religiosas, bem como aos respectivos representantes. Se Berger compara o humor ao sonho (digo o que penso, sem ser malvisto), Bakhtin indica o caminho alternativo do humor, que pode ser comparado à licença para falar o que se pensa. “O carnaval é a própria vida que representa, e por um certo tempo o jogo se transforma em vida real” (BAKHTIN, 2010, p. 7).

Por isso, o humor é *ludens*, como veremos no próximo capítulo, e age nas entrelinhas, com a licença de se dizer o que pensa, em um diálogo com a chamada realidade. Em *Buemba!, Buemba!*, as notícias comentadas podem ser reais ou não, ainda que sigam a estrutura básica do jornalismo. Não se sabe exatamente a veracidade da informação, pois o humor atravessa a realidade, apropriando-se do cenário ficcional. No exemplo acima, nota-se também críticas ao sistema religioso, católico e judaico: um escárnio ao representante judaico visitando o diabo, e um possível pedido de desculpas à figura máxima de outra religião, no caso, a católica.

Bakhtin explica que, ao contrário das festas oficiais que “consagravam o regime em vigor”, o carnaval “abolía as hierarquias” com objetivo de “consagrar as desigualdades”. Com isso, “o homem tornava a si mesmo e sentia-se um ser humano entre os seus semelhantes” (2010, p. 9). No caso, os comunicadores são a voz dos ouvintes e, com o humor, negam a hierarquia de determinada sociedade. Com Simão e Boechat, observa-se essa forma de humor quando os jornalistas-humoristas se referem, por exemplo, ao Presidente da República, o chefe de Estado brasileiro. A quebra de hierarquia ocorreu, por exemplo, durante a 31ª Olimpíada. Realizada no Brasil no segundo semestre de 2016, o presidente Michel Temer ocupava a posição de interino, já que Dilma Rousseff havia sido afastada no final do ano anterior. A seguir, um trecho de *Buemba!, Buemba!* de agosto daquele ano:

---

<sup>7</sup> Giorgio Armani, ou apenas Armani, é uma famosa empresa de moda italiana.

Ricardo Boechat: – Tem medalha para o Temer?  
José Simão: – Sim. “Frankstemer” é ouro em 3 modalidades [...]. Satanismo sincronizado com José Serra ha! ha! ha! Essa vai ser disputada na Transilvânia.  
Boechat: – Imbatível essa dupla.  
Simão: – Dilma é ouro. De tiro no pé ha! ha! ha! Ela vem treinando tiro no pé há seis anos ha! ha! ha! (BANDNEWS FM, 2016).

A quebra da hierarquia é imposta pela “carnavalização” do humor, na medida em que o então presidente Michel Temer é comparado a um dos símbolos do mal (Satanás) ao mesmo tempo em que é ligado a José Serra, na época ministro das Relações Exteriores, figura importante na política externa do Brasil. A ex-presidente Dilma Rousseff, afastada da presidência depois de um impeachment, não é poupada. Serra é conhecido nas piadas de Simão como o Vampiro Brasileiro, em alusão ao personagem de Chico Anysio. O chefe de Estado, Temer, é ridicularizado juntamente com o então ministro das Relações Exteriores e a ex-presidente Dilma. A piada muda a posição dos envolvidos, na medida em que iguala ou inverte a escala de importância social, no caso de forma depreciativa. Há, então, uma modificação nos valores hierárquicos, muito próxima do que ocorre no Carnaval.

A equiparação da posição social vinda da carnavalização do humor também se nota com o riso. Segundo Bakhtin, “uma qualidade importante do riso na festa popular é que escarnece dos próprios burladores. O povo não se exclui do mundo em evolução” (2010, p. 10)

Nesse sentido, Simão e Boechat fazem parte do povo ao nivelar as figuras dominantes. Quando eles se vinculam aos ouvintes pelo som, também se passam como membros da mesma hierarquia, ou seja, representam o povo que faz o carnaval. Portanto, “o riso da festa popular tem como componente essencial a vitória a qual submete o terror metafísico (do além, das coisas sagradas e da morte) e também os temores históricos – todas as formas de poder infringido pelos soberanos e aristocratas terrestres. O riso liberta de tudo que oprime, principalmente, o medo limitador” (SOERENSEN, 2011, p. 325).

O riso de Simão e Boechat indica a ideia de um riso que Bakhtin definiria como riso carnavalesco:

É antes, de mais nada, um riso festivo. Não é, portanto, uma reação individual diante de um ou outro fato “cômico” isolado. O riso carnavalesco é em primeiro lugar patrimônio do povo (esse caráter

popular como dissemos é inerente à própria natureza do carnaval); todos riem, o riso é “geral”; em segundo lugar universal, atinge a todas as coisas e pessoas (inclusive as que participam do carnaval), o mundo inteiro parece cômico e é percebido e considerado no seu aspecto jocoso, no seu alegre relativismo; por último, esse riso é ambivalente: alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente (BAKHTIN, 2010, p. 10).

Além disso, Bakhtin separa o riso popular do riso satírico da época moderna. Para o autor, o riso satírico “apenas emprega o humor negativo, coloca-se fora do objeto aludido e opõe-se a ele”, enquanto o riso popular “expressa uma opinião sobre um mundo em plena evolução no qual estão incluídos os que riem” (BAKHTIN, 2010, p. 11). Em Simão e Boechat, notamos as duas manifestações, mas o objetivo, pode-se sugerir, é o de desmoralizar a hierarquia presente na sociedade.

Soerensen (2011) relembra que, conforme Bakhtin, “o carnaval tem múltiplas faces: é ao mesmo tempo textual e contextual”. Significa que não se trata apenas de uma manifestação social específica – é, na realidade, “uma espécie de reserva geral e ininterrupta de formas populares e rituais festivos”. Nesse contexto, a autora informa que há aproximação de situações opostas: “o sagrado e o profano, o oficial e o revés, o hierárquico e o libertário” (2011, p. 323).

Percebe-se nas piadas de Simão todas as características expostas acima. As piadas de cunho religioso (Sobel e Papa) e político (Temer, Dilma, Serra) mostram as situações opostas. Ao veicularem notícias verdadeiras com *fake news*, acrescidos de humor, Simão e Boechat carnavalizam o programa, a ponto de brincarem com o fato de um líder religioso roubar (sagrado e profano); degradam a posição de um chefe de Estado (Temer), e ex-presidente (Dilma), sempre os comparando a figuras cômicas, incompetentes, risíveis e do mal. A questão do oficial e o revés pode ser notada nas Olimpíadas, tradicional competição da era moderna, transformada em um carnaval. Ao contrário de um atleta brasileiro campeão de tiro (modalidade que existe desde 1896), constatamos a ex-presidente que sofreu impeachment, campeã de tiro no pé, uma alusão ao limite político desta e de seu partido.

Ciro Marcondes Filho (1988) ressalta a impossibilidade de se referir ao humor sem citar Freud. O humor seria uma economia do gasto psíquico, que gera prazer. Há dois tipos claros de piadas: as inocentes e as tendenciosas e maliciosas. “As maliciosas provocam prazer porque abrandam nossos controles morais” (MARCONDES FILHO, 1988, p. 64). Ou seja, além da economia de gasto psíquico,

satisfazem ou desafogam ansiedades reprimidas, atuando no plano social. Segundo Freud – conforme análise de Marcondes Filho –, mesmo as consideradas inocentes reforçam a autoestima do receptor, por conterem também um tom crítico e até agressivo. Um exemplo concreto nos remete à televisão, mas também podemos notar no rádio, como em *O Gordo e o Magro*, que nos leva a um modelo que evoca ao ouvinte as traquinagens infantis. Stan (o Magro) sempre coloca Oliver (o Gordo) em situações constrangedoras. Ninguém leva a sério os personagens, por demonstrarem atitudes infantis (MARCONDES FILHO, 1988).

Porém, também “permitem ao espectador escoar a agressividade em um tipo social marginalizado, o imbecil” (MARCONDES FILHO, 1988, p. 65). Assim, a autoestima de quem vê a cena cômica se eleva. Projeta-se no personagem estúpido/irresponsável um sentimento de superioridade. Essa superioridade pode ser projetada em outros personagens, como o político bêbado ou corrupto, sendo a piada tendenciosa, maliciosa ou as ditas inocentes.

Isso nos leva à conclusão de que o humor realmente é uma crítica social severa, que não poupa o objeto de piada e risos, mesmo quando nos parece inocente. Alberti afirma que não há espaço para piada inocente:

A inocência, como toda qualidade, também é uma relação política, que abre possibilidades. Dizer “é só uma piada” é também sugerir que poderia ser outra coisa além de uma piada. O próprio Freud – cuja teoria sobre chiste, aliás, também é efêmera e contingente – mostra como o argumento de que é só uma piada está cheio de significados. Mas seus significados, como em qualquer texto, são contingentes e efêmeros, sujeitos a mudança (ALBERTI, 2002, p. 19).

Se a piada não é inocente, ela pode punir. Segundo Monica Rebecca Ferrari Nunes (1999), o humor é como um ritual de sacrifício; remete-nos aos tambores presentes em rituais antigos, dentre eles, os de sacrifício. Para Marcondes, no humor funcionam os mecanismos de:

Liberação de energia represada, oriunda da vivência social e das repressões; reforço de posições e de intenções das pessoas e grupos; quebra da censura; conservação da realidade externa pela ridicularização marginalizadora e pela não transformação da realidade a partir da sátira política (MARCONDES FILHO, 1988, p. 68).

Damaceno e Nishizawa (1999) lembram que, desde seu surgimento, esses

programas de humor radiofônicos trazem críticas ao governo e à sociedade da época.

Os programas de humor fazem uma espécie de releitura dos fatos corriqueiros ou dos acontecimentos que marcam o momento, de forma satirizada. Propõem-se, na maioria das vezes, a fazer uma crítica política e social destes acontecimentos, mas o que se percebe é que a “crítica” fica mais no plano do comentário e das “entrelinhas” do que uma crítica aberta, clara e objetiva propriamente dita (DAMACENO & NISHIZAWA, 1999, p. 4).

As pesquisadoras acreditam, no entanto, que o advento da televisão obrigou o rádio a alterar sua forma de produzir para não perder ouvintes. O texto de rádio precisou ser ainda mais fácil e de rápida absorção, já que “ninguém mais para, senta e fica apenas ouvindo o rádio, com exclusiva atenção [...]. A maioria das pessoas liga o rádio enquanto está desenvolvendo uma outra atividade paralela” (DAMACENO & NISHIZAWA, 1999, p. 9). Para elas, nesse processo, grande parte dos programas humorísticos perderam o viés de crítica social, de humor inteligente, e deram espaço ao “tudo vale a pena se tiver audiência”.

Porém, é justamente com a proposta de ser “inteligente e bem informado” que a BandNews FM produz desde o início o quadro *Buemba!, Buemba!*. No dia 24 de maio de 2018, enquanto perdurava a maior greve de caminhoneiros registrada na história do país, Simão e Boechat comentaram:

José Simão: – Planalto convoca com urgência!  
Ricardo Boechat: – Opa!  
Simão: – Sula Miranda, Vin Diesel... ha! ha! ha! E o inventor do carro dos Flintstones!  
Boechat: – Para auxiliar!  
Simão: – Sabe o que o carro dos Flintstones gritou? [...] Chupa Petrobras! ha! ha! ha!  
Boechat: – Quer dizer então que chamaram a Sula Miranda?  
Simão: – Que é a rainha dos caminhoneiros. Nada melhor do que ela para uma negociação.  
Boechat: – Claro! Maravilhosa a Sula Miranda!  
Simão: – Vin Diesel!  
Boechat: – Vin Diesel!  
Simão: – Que, além de se chamar Diesel, é Velozes e Furiosos!  
Boechat: – Isso!  
Simão: – E o inventor do carro dos Flintstones (BANDNEWS FM, 2018).

Entra sonora da música interpretada por Sula Miranda: “quase sempre me deixa dormindo e vai sumindo pela serração / a carreta vai cortando o vento”.

Ricardo Boechat: – Interrompe a carreta cortando o vento aí,

presidente!  
José Simão: – A carreta comendo o vento! (BANDNEWS FM, 2018).

Citar o carro dos Flintstones nos chama a atenção para um país sem combustível, que pode nos levar à Idade das Pedras. A crítica à Petrobras deixa implícita a crítica ao governo. A cantora Sula Miranda, conhecida por ser “a rainha dos caminhoneiros”, é chamada para interceder junto à classe que parou o país. Isso mostra, por meio do cômico, a falta de uma autoridade oficial para resolver o caso. O ator Vin Diesel é conhecido na franquia *Velozes e Furiosos*, conhecido anti-herói que resolve situações praticamente impossíveis, e o sobrenome “Diesel” nos remete ao combustível, que foi o estopim da greve. A música de Sula Miranda se refere ao caminhoneiro dirigindo, em ironia aos que ficaram parados na estrada.

O exemplo ilustra a inteligência no uso do humor, aliada à licença para se criticar, como diz Berger. O caos e a falta de autoridade são criticados – tanto que o presidente da república, Michel Temer, não é poupado. Na edição do dia 5 de junho de 2018, os jornalistas abrem o quadro com esse assunto:

José Simão: – O Temer disse aos aliados...  
Ricardo Boechat: – Quem?  
Simão: – O Temer, o *Frankenstemer* – agora você entendeu –, disse aos aliados ha ha ha! São duas coisas que não existem mais. O Temer disse aos aliados que, durante a crise dos caminhoneiros, ele se sentiu isolado. Aí, para esse momento de aflição, de solidão, os caminhoneiros de Campinas compuseram uma oração para ele. Nos momentos de solidão, ele vai fazer essa oração (BANDNEWS FM, 2018).

O sonoplasta coloca, então, uma composição de *Os Marcheiros*<sup>8</sup> que diz: “Belzebu, Munrá, cramunhão.../ Esqueleto e forças do mal/ Não me deixem agora na mão/ Não me deixem levar esse pau [...] Pra onde foste Satanás?/ Será que com medo da Lava Jato.../ Vós me deixastes pra trás...?”.

Simão e Boechat gargalham e o primeiro diz ainda: “onde estás Capiroto? Onde estás Satanás?”, como se Temer pedisse ajuda às forças malignas para resolver os problemas oriundos da paralisação dos caminhoneiros em todo o país. “Em greve!”, conclui o jornalista-humorista. Boechat completa: “nem as forças do mal aguentaram o

---

<sup>8</sup> Dupla musical formada por Thiago de Souza e Daniel Battistoni, dedicada a acompanhar as notícias do país e transformá-las em marchinhas.

Temer, fizeram greve. Aumentou o preço do tridente, do caldeirão, da lenha... Aí o inferno entrou em greve”. Em seguida, o sonoplasta insere um efeito sonoro anunciando que eles vão retomar a notícia. O diálogo prossegue assim:

Ricardo Boechat: – José Simão revela... o que que [sic] houve, presidente? O inferno... o que que houve no inferno?  
José Simão: – Entrou em greve. O inferno entrou em greve ha ha ha!  
Boechat: – Contra quem, presidente? Contra quem?  
Simão: – Contra o Belzebu... o *Frankenstemer*, o Vampirão. Por enquanto, porque passou mais um mês você vai ver os nomes ha ha ha!  
Boechat: – Você sabe que o capeta tem 70 mil nomes diferentes, né?!  
Simão: – Sim.  
Boechat: – Muito engraçado, né?!  
Simão: – Sim, claro. Desde a Idade Média.  
Boechat: – É, pois é.  
Simão: – Aliás, o Temer diz que fundou o MDB na Idade Média.  
Boechat: – Ha ha ha! Ele e o Sarney<sup>9</sup>, né?!  
Simão: – Ele e o Sarney. Não, o Sarney foi na baixa Idade Média (BANDNEWS FM, 2018).

Em 30 de maio de 2018, a edição da coluna trouxe um áudio que se tornou *meme*<sup>10</sup> nas redes sociais. Com os caminhoneiros parados e as estradas bloqueadas, alguns comércios ficaram sem determinados produtos no estoque. Uma matéria de telejornal conquistou os internautas e logo passou a ser replicada e recriada na *web*. Tratava-se da reclamação de uma senhora carioca a respeito da falta de chicória nos mercados. O *Buamba!*, *Buamba!* comentou:

José Simão: – Nos morros do Rio, papelote de brócolis com chicória tá sendo vendido a 20 reais.  
Ricardo Boechat: – Ha ha ha! Como é que é, excelência?  
Simão: – Nos morros do Rio, um papelote de brócolis com chicória vendido a 20 real [sic].  
Boechat: – Olha aqui a reação da compradora de chicória na TV Globo: [Entra o áudio da internet] “pasma fiquei”. Pasma fiquei!  
Simão: – Tava comprando papelote... ha ha ha!  
Boechat: – Pasma ficou com o preço, depois ficou chapada ha ha ha!  
Simão: – Papelote de brócolis com chicória...

---

<sup>9</sup> José Sarney de Araújo Costa é um dos políticos com carreira pública mais extensas do país, já tendo ocupado os cargos de presidente, vice-presidente, senador e governador. Sarney integra o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), anteriormente Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), desde 1984, ainda nos primeiros anos da legenda.

<sup>10</sup> A expressão “meme” tem sido utilizada para descrever alguma imagem ou vídeo engraçado que se espalha pela internet. Para ser um meme, o conteúdo deve se repetir sucessivas vezes na rede. Ainda que possa durar poucos dias, um meme costuma atingir grande número de pessoas. Sem autoria definida, pode ser recriado por qualquer usuário das redes sociais.

Boechat: – Quanto?  
Simão: – 20 real [sic]! (BANDNEWS FM, 2018).

Nota-se no diálogo uma ideia de conversa despreziosa com o objetivo de rir, “humor para rir”, o que não é descartado na pesquisa, mas os recados subjetivos também foram avaliados. Nesse caso, percebe-se o humor usado para veicular mensagem implícita.

Em um diálogo que tem como objetivo rir, muitos recados são passados de forma intrínseca, como se na piada houvesse parênteses. A capacidade de informações associadas ao cérebro é maior do que as palavras que foram ditas por Simão e Boechat, ou seja, o ouvinte registra mais informações do que os dados explicitados nas palavras.

Os interlocutores, através do humor, punem e satirizam a situação do país, tendo como recorte o diálogo da senhora que reclama do preço da chicória. Eles se divertem com a frase “pasma fiquei”, mas, por meio do humor, estão criticando o governo, a greve dos caminhoneiros, que ocasionou o aumento do preço de um produto alimentício. Eles riem da frase, mas nas entrelinhas deboçam dos governos estadual e federal.

Além disso, a matéria do jornal cita a senhora falando apenas do preço de um alimento, que disparou nos mercados. Mas não menciona o tráfico de drogas no Rio de Janeiro, informação nas entrelinhas ou subjetiva do humor. Simão começa a contar a piada dizendo: “nos morros do Rio de Janeiro o papelote de chicória é vendido a 20 real”. Quando ele diz *papelote*, nossa consciência nos remete ao termo usado para o embrulho de drogas.

Segundo o dicionário da língua portuguesa *Houaiss* (2015), papelote, em sentido figurado, quer dizer: pequeno embrulho de papel contendo droga em pó. No dicionário *Michaelis* o significado é o mesmo: pequeno pedaço de papel em que se embrulha uma certa quantidade de cocaína ou de outra droga em pó. Evidenciam-se outros significados, como: papel sem importância, pedaço de papel usado para ondular cabelo ou também do método de cozimento europeu de alimentos.

Nesse caso, poderíamos associar papelote de chicória a alimentos, e não drogas. Mas o que dizer da conversa que começa com “nos morros do Rio de Janeiro”? Consta-se em pesquisas que os jornais noticiam o tráfico na cidade desde a década de 1970. Então, quando Simão diz: “nos morros do Rio de Janeiro o papelote

de chicória está sendo vendido a 20 real”, notamos o subjetivo do humor. E o comentário de Boechat: “pasma fiquei, depois ficou chapada”. A piada pode ser em referência ao efeito da droga em uma pessoa. Como pode ser visto, são muitos elementos inseridos em um diálogo breve.

Simão e Boechat, em uma rápida conversa humorística, criticam o aumento de preço dos alimentos no Brasil, por conta da greve dos caminhoneiros, e, de forma subjetiva, o tráfico de drogas no Rio de Janeiro. O diálogo, os risos, as piadas são uma mensagem de alerta. Nas entrelinhas, a informação sugere um país desorganizado, sem comando, cujo responsável é o governo federal. Evidencia-se a crítica ao governo do ex-presidente Temer no diálogo do mesmo dia:

José Simão: – Última declaração de Temer. Atenção, Brasil.  
[Entra áudio com imitação da voz do presidente:] “Estou aqui para dizer que a gasolina não tem mais imposto. Não tem imposto Shell, não tem imposto Ipiranga. Não tem imposto nenhum” (BANDNEWS FM, 2018).

Após as risadas de Boechat, Simão e Carla Bigato, jornalista e sonoplasta, a mensagem novamente é repetida. A piada com trocadilho sonoro é uma crítica à falta de gasolina no País, devido à greve. A explicação ficcional do presidente Temer o mostra engasgando ao explicar solução para uma das causas da greve. O ato é mais uma tentativa de achincalhar a figura do governante, sempre levando o ouvinte a se lembrar do incidente acontecido na posse como presidente interino. Embora a participação do presidente no programa seja um teatro, bem como o discurso, realmente Temer engasgou, dois anos antes da greve dos caminhoneiros, em seu primeiro discurso como presidente interino, e pediu uma pastilha para que voltasse a falar. O áudio do governante falando “em pastilha” é ouvido a cada vez que o nome dele é citado.

Nesse caso, a sonora do incidente com Temer é usada com o mesmo propósito de um teatro: fabricar o riso. Henry Bergson explica que esse tipo de situação ocorre quando há uma quebra do mecânico, ou seja, quando uma situação acontece rapidamente, quando não a esperamos.

A rigidez do corpo e a distração do espírito são formas originárias do cômico e permitem, ao seguirmos direções nelas indicadas, cotejar as fórmulas conceituais e as explicações descritivas sugeridas com os exemplos da arte e da comédia, passar das situações primitivas às elaborações derivadas e atingir, finalmente,

o elemento cômico puro, definido por Bergson como vaidade (BERGSON, 2018, p. 13).

Este é o quadro delineado pelo filósofo no qual se insere a primeira e mais básica função do riso: “castigar o cômico”. Vejamos um exemplo. Em um desfile de moda, o fator programado seria um acontecimento festivo, as modelos com um andar, as roupas sendo exibidas. Isto seria o mecânico. Se pensarmos em uma modelo tropeçando ou com uma das roupas rasgadas, a situação pode provocar o riso. Houve uma quebra do programado em nosso consciente. A pessoa pode rir e se arrepender; pode rir por não gostar da modelo ou de alguém que fabricou as roupas; pode não rir. O fato é que, se um grupo tiver o objetivo de punir a modelo, as imagens podem ser descritas, lembradas em forma de piada.

Quando o presidente começa a falar e, de repente, há um engasgo e perda parcial da voz, a quebra do mecânico pode provocar o riso, o arrependimento ou até uma situação constrangedora. Com isso, o fato pode virar motivo de piada, fábrica do riso, para quem tem a intenção de prejudicar a imagem do Presidente. O engasgo foi acidental, e muitas vezes o cômico é acidental. Recordando que o incidente foi no discurso de posse, “por isso mesmo, todo lado cerimonioso da vida social contém um cômico latente, que está apenas a espera de uma ocasião para vir à tona” (BERGSON, 2018, p. 55).

Quando o presidente perde a voz notamos a função básica do riso mencionada por Pinto (2018), na última citação. Nota-se também o que analisou Freud: “Pode-se tornar uma pessoa cômica para fazê-la parecer desprezível e tirar-lhe qualquer pretensão à dignidade e à autoridade” (FREUD, 2017.).

Portanto, nota-se que o humor de Simão e Boechat é fundamentado em diálogos em que há informações e críticas subentendidas. Com um programa que segue um cronograma, mas se pauta em conversas informais, os comunicadores mostram na piada um recado que seria prolixo, explicativo. Como o próprio Simão declara em entrevista ao programa *Diversidade*, na emissora de televisão Itabaré, em 10 de setembro de 2008:

Repórter: – É possível fazer jornalismo com humor?

José Simão: – Eu acho. Eu faço, né? Humor jornalístico. Eu acho. Eu tava lhe falando que o humor é muito bom como informação. Porque o humor é instantâneo, né? [...] Você fala, a pessoa entende, a pessoa dá risada [...] ela não precisou pensar, raciocinar. Ele é instantâneo. A pessoa entendeu na hora (SIMÃO, 2008).

Simão e Boechat usam, nesse programa, o humor para criticar, mostrar um descontentamento nas entrelinhas. Mas também notamos outro fator nos diálogos: os comunicadores se utilizam das piadas para tratar de assuntos polêmicos, sem ter de enfrentar censura. O recado é passado para evitar reações negativas que possam vir da direção de jornalismo, do público, das pessoas envolvidas na conversa. Afinal, o “estou brincando”, como define Peter Berger no livro *Riso redentor*, é a justificativa para uma possível reação negativa por parte do público, mesmo que os jornalistas digam a verdade.

Através do humor, Simão e Boechat burlam ou minimizam a censura e a força política contrários a determinados pensamentos. Com base em notícias polêmicas, muitas vezes os comentários são justificados com a “licença” que o humor proporciona.

Segundo Berger (2017), essa licença pode ser comparada ao mundo do sonho. Quando sonhamos, podemos nos comportar de maneira diferente do mundo real, sem sofrer represálias. Pode-se falar tudo o que se pensa em um local de trabalho, por exemplo. Permite-se desabafar com o chefe, criticar o comportamento dele, que gera uma empresa deficitária.

O desabafo nos faz bem, mas, ao acordar, deparamos com a realidade pesada, o fardo de uma função de que não se gosta, mas necessária para o sustento, muitas vezes sem o direito de protesto, sob o risco de perder o emprego. Portanto, o efeito do sonho seria relacionado ao efeito da piada. Ao contarmos uma piada, estamos em um mundo fechado, tal qual o sonho. Ao terminarmos de contar a piada, sentimos o choque da realidade suprema, que é a vida real, comparada ao acordar de um sonho.

Conta-se piada sobre alguém, com o objetivo de depreciá-lo. Ao final, desconfia-se que alguém é conivente com determinada pessoa, objeto da piada. Pode-se dizer que foi uma brincadeira, assim como um sonho. A desculpa pode ser aceita ou não, mas o humor é inegavelmente uma proteção à liberdade de se expressar.

Nenhum método é infalível, porém, no caso de Simão e Boechat, parece-nos que é melhor criticar e passar as mensagens através do humor. O próprio Boechat, como jornalista, criticou com seriedade a maneira como o governo conduziu a greve dos caminhoneiros, bem como as consequências desta para a população e como o cidadão reagiu ao fato. Mas também não deixou de lado o riso nos encontros matinais com Simão. Como diz Peter Berger:

O cômico é postulado como uma antítese das preocupações sérias. Esta percepção de uma antítese geralmente se manifesta quando as pessoas estão tentando amenizar alguma observação engraçada que possa ofender, quando a piada “foi longe demais”. A fórmula convencional para qual isso é feito é a afirmação: “mas foi somente uma piada!” Em outras palavras: “não era para levar a sério!” (BERGER, 2017, p. 35).

O humor e a risada fazem parte da brincadeira – brincadeira que nos torna Homo Sapiens e Homo Ludens. Na medida em que jogamos, brincamos. O *ludens* faz parte da cultura humana e o humor, como tal, é uma das características do brincar, atividade implícita ao jogo. Podemos dizer, portanto, que o humor é brincadeira, que se torna veículo para que as mensagens nas entrelinhas sejam propagadas. Vamos tratar deste assunto no capítulo 3, com base no livro *Homo Ludens*, de Johan Huizinga.

### Capítulo 3 – O humor no radiojornalismo: Simão e Boechat

*O jogo é um fator cultural da vida.*

(Johan Huizinga, 2000)

No capítulo anterior, falou-se da mensagem que deriva do humor, da veiculação de ideias na tentativa de burlar a censura imposta por uma sociedade – uma licença para que pensamentos sejam transmitidos, mesmo quando eles não são bem-vindos. O humor blinda, burla a resistência ou a predominância de determinado ponto de vista que, de alguma maneira, não pode ser contrariado.

Nesse aspecto, entende-se que o humor também é uma maneira de jogar. Conta-se uma piada a alguém para ser mais simpático e, portanto, aproximar-se com determinada intenção. A maneira escolhida pode ser a descontração que o humor provoca, assim como o riso, usado muitas vezes como um aceno positivo.

Segundo Johan Huizinga (2000), a pessoa que brinca, que joga não é somente *sapiens*, é também *ludens*. Enquanto brinca, o indivíduo é um animal como os de outras espécies; ao ter a consciência de que, ao brincar, participa do cultivo da cultura, o humano também é *ludens*. Quando Huizinga diz que o jogo é “um fator cultural da vida” ou, ainda, que “o jogo é uma função da vida, mas não é passível de definição exata em termos lógicos, biológicos ou estéticos” (2000, p. 12), significa que brincar é parte da condição humana.

Nota-se, assim, que o conteúdo produzido por José Simão e Ricardo Boechat em *Buemba!, Buemba!* pode ser analisado na perspectiva de um jogo. As regras do humor obedecem aos princípios sociais vigentes e parecem seguir, em sua maioria, uma narrativa que agrada ao grupo que acompanha o quadro. Simão e Boechat jogavam com o ouvinte, na medida em que as piadas são direcionadas ao público, que interage com eles por meio de redes sociais. O jogo fortalece os indivíduos, e o elo é a crença em comum.

Nesse sentido, mesmo entre os apresentadores Simão e Boechat há um código ético. Simão, por muitas vezes, entendeu que Boechat não queria prosseguir com determinado humor e se calou depois de sua característica gargalhada. No dia 24 de maio de 2018, por exemplo, Boechat interrompe uma piada feita por Simão na sessão “Predestinados” – um dos esquetes do programa, que trata de pessoas com nomes e sobrenomes que, de alguma forma, combinam com a profissão realizada.

Ricardo Boechat: – E os predestinados?

José Simão: – [...] Direto de São João Muriti, o ginecologista Dr. Francisco Roseira ha! ha! ha! (BANDNEWS FM, 2018).

O humorista logo é interrompido por Boechat, que, em tom risonho, parecia saber o final. “Deixa para lá”, comenta. Entendendo que Boechat não queria prosseguir com a piada, há uma gargalhada geral de Simão e dos demais participantes da mesa. Não fica claro por que Boechat não aprovou a piada, já que outras com a mesma ironia haviam sido ditas.

O que interessa aqui é a percepção de que Simão (e sua forma de fazer humor) está sujeito ao crivo de Boechat, que, por sua vez, está sujeito ao comando da direção da Bandeirantes ou dos ouvintes. Porém percebe-se que na maioria das vezes há uma comunhão de ideias entre os comunicadores, porque o programa é pautado com antecedência. A base do diálogo já está criada e combinada; Boechat sabe as piadas que Simão irá fazer, mas no meio da conversa vem o improviso. Nesse improviso, pode-se notar o protesto fluir, as mensagens nas entrelinhas de um descontentamento dos apresentadores, sempre medindo a satisfação do público com e-mails recebidos, com aumento da audiência. Nota-se o jogo (*ludens*) quando a piada precisa ser veiculada. Então, pode-se dizer que as mensagens compartilhadas por Simão e Boechat, através do humor, são de comum acordo.

Quando as piadas são ditas e as mensagens veiculadas por Simão e Boechat, através do humor, ninguém quer ser o estraga-prazeres neste jogo. Fica claro que ao sentir no companheiro um aceno positivo para prosseguimento da piada, Simão gargalhou e mudou o tom da discussão.

Por sua vez, estas regras são um fator muito importante para o conceito de jogo. Todo jogo tem suas regras. São estas que determinam aquilo que “vale” dentro do mundo temporário por ele circunscrito. As regras de todos os jogos são absolutas e não permitem discussão (HUIZINGA, 2000, p. 50).

Huizinga refere-se ao estraga-prazeres do jogo, facilmente observado em brincadeira de criança. Por exemplo, se alguém, no jogo da criança, disser que tal brinquedo é inanimado, estragará o jogo. “A criança joga e brinca dentro da mais perfeita seriedade, que a justo título podemos considerar sagrada. Mas sabe perfeitamente que o que está fazendo é um jogo” (HUIZINGA, 2000, p. 17).

A direção da emissora pode se defender de uma reação negativa do governo, em

relação à greve dos caminhoneiros, dizendo se tratar de um quadro humorístico. Uma notícia veiculada em tom sério, criticando o governo, seria mais difícil de se explicar. Nota-se o *ludens*. Para que as piadas sejam veiculadas, é preciso um jogo entre Simão, Boechat e direção da emissora. Quando as piadas são contadas, outro jogo começa, que é refletir o descontentamento de uma nação frente à greve, blindado pelo humor.

Imagine-se que Simão e Boechat queiram falar de algo que possa desagradar o governo federal ou a própria direção da emissora em que trabalham. Se eles se manifestarem, estarão quebrando as regras. Se disserem em forma de piada, podem argumentar se tratar de uma brincadeira. O humor nos remete a piada, que nos remete a brincadeira, que nos remete a jogo, que nos torna *ludens*.

Ao mesmo tempo em que Peter Berger assinala que ao contar uma piada estamos em um mundo dos sonhos, em que é possível expressar nossas vontades, tendo a justificativa de não ser real, Huizinga (2000) afirma: “verificamos que uma das características mais importantes do jogo é sua separação espacial em relação a vida cotidiana” (p. 18).

Então, a ideia de jogo para Simão e Boechat é veicular mensagens nas entrelinhas, contando piadas. Mas também faz parte da brincadeira escapar da reação do adversário, que pode ser a parte que se sentiu ofendida ou prejudicada. O adversário pode dizer que os comunicadores romperam com as regras porque não foram éticos (no caso, *ética* enquanto um conjunto de leis como justificativa das regras quebradas). A justificativa é: “estamos brincando”. O que se nota é uma batalha que se segue, com vencedores momentâneos.

O humor é algo que faz parte da vida do ser humano, *homo ludens*. Ao mesmo tempo em que ele é usado como protesto, determinada piada não pode ser malvista ou mal-entendida se encarada fora de um padrão moral do grupo que compartilha o riso. Piadas antigas muitas vezes soam sem nenhuma graça ao interlocutor, por não ter mais um apelo de protesto. Piadas que eram sexualmente reprimíveis já não o são no presente, com a aceitação da sociedade de valores sociais, estéticos, políticos, morais, condenados no passado.

A piada é contada porque há jogo; o jogo existe pois há a vontade de veicular mensagens e atrair a atenção do ouvinte. Quando a audiência é conquistada, surge o pertencimento. O ouvinte, ao sentir no humor um discurso que envolve sua realidade, ouve o quadro, inserindo-se no mesmo grupo – grupo este vinculado pelo som, como veremos mais adiante.

### 3.1. Os vínculos sonoros em *Buamba!, Buamba!*

O filósofo Vilém Flusser abordou, na obra *O universo das imagens técnicas* (2008), “a escalada da Abstração”. O teórico indica quatro passos rumo à abstração das imagens técnicas, não imagens tradicionais, que classifica como ontológicas – anos de vida a partir da concepção de cada indivíduo. Para ele, “as imagens técnicas são superfícies construídas com pontos”, que também podemos chamar de grânulos, pixels (FLUSSER, 2008, p. 15). Se ela é feita por pixels, é nulodimensional, “da ordem do grau zero do espaço”.

A partir deste ponto, “Flusser começa a delinear suas reflexões sobre a era das técnico-imagens” (BAITELLO JR., 2008), que culmina na subtração do espaço físico. Ou seja, das imagens técnicas podemos chegar ao nulodimensional, que seria “desintegração do mundo e existencialização da consciência humana” (FLUSSER, 2008, p. 18). Para o autor, as técnico-imagens podem ser conceituadas com “mão-olho-dedo-ponta de dedo”. O ser humano começa a história manipulando objetos, como exemplificado na Vênus de Nillendorf (estatua datada de 24 mil anos atrás). Mas, antes de manipular um objeto, aprendemos a ver, assim como se tornou necessário ao humano escrever, explicar o que se vê – o que Flusser chama de “conceber o imaginado”.

O elemento ponta do dedo surge com o advento da digitação. Com o desenvolvimento das redes sociais digitais, o ser humano é capaz de se comunicar, criar, interagir, brincar etc. com a ponta dos dedos. Chega-se ao modelo: “mão-olho-dedo-ponta de dedo”; ou ainda: tridimensionalidade; bidimensionalidade; unidimensionalidade; zerodimensionalidade ou nulodimensionalidade.

Quando Ricardo Boechat, por exemplo, conta uma piada para o sonoplasta no estúdio, durante a produção do Jornal da BandNews FM, eles podem até se abraçar ao término do programa, o que remete ao tridimensional. Ao ver a mesma cena em uma foto, há o registro bidimensional. No decorrer do diálogo, Boechat e o sonoplasta se comunicam por escrito, pequenos lembretes em papel, para lembrar uma piada que não foi contada ou um assunto que será tratado adiante, configurando o registro unidimensional. Por fim, o estágio no qual tudo começa e termina, os pixels, grânulos, quando as mensagens são compartilhadas via rede social – no caso, as mensagens dos ouvintes interagindo com os comunicadores.

É importante frisar que as descrições não seguem uma ordem cronológica. Como

o próprio Flusser (2008) diz: “não foi decerto assim, linearmente, que o homem se afastou, alienado, do mundo concreto” (p. 19). Observa-se também a explicação do professor José Eugênio Menezes: “é possível que as quatro formas de expressão estejam bem interligadas, alimentem-se recursivamente” (MENEZES, 2016, p. 70).

Através de e-mails e outros formatos de mídias similares dos leitores e até protestos sobre determinados assuntos, Simão consegue com o nulodimensional a fonte das suas piadas, bem como a repercussão delas. Não é de hoje que Simão faz uso das redes sociais. Desde 1987 escrevendo a coluna que também se chama *Buemba!*, *Buemba!* na *Folha de S. Paulo*, tão logo o serviço de e-mail se popularizou no Brasil, a forma de comunicação mudou para Simão. Ele passou a ter um contato estreito com os leitores por meio da mídia terciária. Já em 2005 estreia na rádio BandNews FM e se utiliza também de outros perfis em redes sociais, como *Twitter* e *Facebook*. Ou seja, a comunicação nulodimensional passou a ter uma importância enorme para os meios de comunicação. Sobre isso, Simão comenta:

A internet, e-mail, Twitter, mudou muito a minha forma de trabalho. Agora, eu me comunico com as pessoas rapidamente, então eu tenho uma comunicação com o mundo exterior. Então quando eu escrevo, ou quando eu falo, quando eu penso, não é mais só o meu olho vendo aquilo, tem vários olhares, tem várias pessoas. Eu até incluo isso na coluna [...] que é para ter vários olhares não só o meu olho (SIMÃO, 2011).

Durante a evolução humana, houve readequações no processo comunicativo – por exemplo, atualmente utiliza-se aparelhos eletrônicos para um diálogo antes limitado ao presencial. Harry Pross organizou uma tipologia dos meios de comunicação, mapeando as noções de comunicação por meios primários, secundários e terciários.

Os meios primários são criados pelo próprio corpo (gestos, odores, sons...) sem necessidade de outros aparatos; os meios secundários surgem quando um corpo usa um suporte para se comunicar com outro corpo, como nas pinturas rupestres e nos impressos, e os meios terciários passam a existir quando os corpos envolvidos no processo comunicativo utilizam aparatos eletrônicos (MENEZES, 2016, p. 30).

Ainda segundo Menezes, o intuito de Pross era mostrar como os meios se tornam mais complexos e interferem recursivamente um no outro. Dessa maneira, os comunicadores se utilizam do rádio, comunicação por meio terciário, para estabelecer contato com o ouvinte, na tentativa de preencher a lacuna, o vazio de transformações sociais que antes privilegiavam os gestos. Com isso, o som se torna não apenas barulho,

mas uma forma de unir pessoas pelo sentimento de pertencimento. “Assim, o rádio, que como mídia sonora envolve todo o corpo, tem a capacidade de vincular corpos e, em conjunto com outras mídias” (MENEZES, 2007, p. 22).

É interessante destacar que, no momento em que Boechat e Simão participam do quadro, eles também não estão em um mesmo local. Boechat está no estúdio, geralmente acompanhado de outro jornalista que, neste caso, faz o papel de sonoplasta. Simão participa da conversa em sua própria casa: entra ao vivo por meio de ligação telefônica. Essa forma de produção do quadro corrobora com a ideia de envolvimento pelo som. Neste caso, Boechat, Simão, ouvintes, sonoplastas estão em um mesmo ambiente sonoro, embora diferentes espaços físicos.

Não é preciso necessariamente estar no mesmo ambiente físico que Simão e Boechat para sentir-se pertencente ao mesmo grupo. O som envolve, vincula, e por meio do diálogo humorístico nos sentimos embalados pelo riso. Participar do diálogo não se limita apenas a falar: “o rádio, que como mídia sonora envolve todo o corpo, tem a capacidade de vincular corpos e, em conjunto com outras mídias, possibilitar a sincronização da vida em sociedade” (MENEZES, 2007, p. 19).

Assim, arrisca-se a dizer que, ao rir de uma piada, também nos vinculamos aos locutores. Mostramos a ele, no mínimo, que é bem-vindo. Segundo Menezes, isso indica pertencimento e vínculo, que, nas palavras de Baitello Junior, “se pode traduzir também por afeto” e a necessidade de pertencimento – e a busca deste sentimento evidencia nosso lado *ludens*. Ou seja, o rir está ligado a um vínculo e um jogo. Se as regras do jogo forem quebradas, Boechat e Simão ficam sujeitos a serem expulsos de determinado grupo sonoro (não os sintonizando no momento em que falam). Se um ouvinte deixa de ouvi-los, rompe-se o vínculo sonoro.

As piadas favorecem o vínculo de pertencimento entre os comunicadores e ouvintes. Com as piadas, o ambiente sonoro vincula os comunicadores, sonoplastas e ouvintes, como em um ambiente no qual a privacidade e o respeito mútuo são constituídos por normas.

Menezes refere-se ao “som como colo acolhedor”. Assim, observamos que o humor também é acolhedor. Na medida em que somos envolvidos pelas piadas, pelas risadas de Boechat e Simão, o ouvinte torna-se parte de um diálogo sem fronteiras, acolhido pelo som. O *ludens* de Simão e Boechat nos mantém participantes do envolvimento sonoro contando piadas que agradem uma maioria – ou desagradem uma minoria, com discurso travestido de humor, que mantém o ouvinte em dúvida sobre a

veracidade da informação e das intenções propagadas.

colo é uma metáfora do vocábulo “colo” empregado para designar o aconchego do espaço formado pelo abdome e as coxas quando o corpo está sentado. Um desafio para nossos estudos: comunicação como colo, espaço onde os seres humanos, bebês ou já adultos, se debatem, se acalmam, pulam, gritam, choram, esperneiam e também podem se sentir tranquilos, envolvidos e protegidos (MENEZES, 2016, p. 31).

Se um ouvinte está acostumado a ligar o rádio, em determinado horário, com os mesmos comunicadores, está vinculado ao som, ao pertencimento. Importante frisar que podemos ser envolvidos pelo som mesmo sem a intenção. Observa-se o exemplo de uma pessoa que chama um táxi e o motorista está ouvindo Simão e Boechat. As capilaridades do corpo se envolvem pelo som. Com isso, pertencemos ao grupo sonoro mesmo que momentaneamente. Pode-se gostar deste vínculo e acompanhar o programa diariamente ou de vez em quando, ou não gostar da experiência.

Nesse sentido, Boris Cyrulnick (1999) diz que somos seres porosos. A porosidade de nossa pele nos faz ouvir com o corpo todo, não apenas com o ouvido. Isso significa que somos uma rede de capilaridades – nosso corpo é uma rede aberta a comunicação e nosso órgão de sentido que ouve é a pele. Conforme Menezes (2016), não somente a pele que envolve nosso tímpano, mas aquela que envolve todo o nosso corpo.

Os sons, isto é, as vibrações mecânicas periódicas que permitem a sensação da audição, não repercutem apenas nos órgãos auditivos, nesse processo, todo o corpo humano [...] ao fechar os ouvidos continuamos envolvidos pelos sons que afetam nosso corpo (MENEZES, 2016, p. 21).

Quando se está em um ambiente, ocorre compartilhamento de informações – mesmo que a pessoa esteja trabalhando ou dirigindo, ela é envolvida pelo som. O ouvinte também participa do diálogo na medida em que Simão e Boechat são envolvidos através da mídia terciária.

Como corpo poroso eu me encharco de informação, através das minhas capilaridades. Como se ao entrar na água eu não pudesse evitar a umidade entrando nos meus poros, que nesse caso são os sentidos da comunicação, do ouvir. Eu posso escolher a quem me vinculo, mas não posso escolher não me vincular. A ausência de vinculação é morte física (MENEZES, 2017).

Ao escolher ouvir Simão e Boechat, o ouvinte entra em um grupo ao qual quer pertencer. A piada, em forma de protesto, muitas vezes lembra que pertencemos ao mesmo mundo, que respiramos as mesmas dificuldades, incertezas, medos, angústias, revoltas, que podem ser expressas por meio da piada. Não somente pelo fato de nos

descontraírmolos, mas também por nos sentirmos vingados quando a piada castiga um objeto não aceito, um tema sobre o qual não concordamos ou que consideramos agressivos na forma de compreender o mundo e nossas crenças.

No dia 24 de maio de 2018, dois dias após o começo da greve dos caminhoneiros, houve desabastecimento nos postos de gasolina do país. Com um alto número de ouvintes reclamando do governo, bem como do presidente da república, Simão e Boechat não pouparam piadas ao então presidente Michel Temer:

José Simão: – Caminhoneiros ameaçam Temer com desabastecimento de Viagra.

Ricardo Boechat: – Ahhhh! Agora a greve acaba!

(Entra sonoplastia com fala do presidente): “Tenho que pedir uma pastilha”.

Boechat: – Azul. Tenho que pedir uma “pastilha azul” (BANDNEWS FM, 2018).

Ao fazerem a piada, o vínculo com parte da sociedade prejudicada pela greve é selado através da piada. Sentimo-nos pertencentes pelo mesmo sentimento: revolta e medo com a paralisação do país por falta de combustível.

Nesse momento entra o jogo, analisado por Huizinga, que é o de mostrar descontentamento com a greve usando o humor. Entram também vínculo e pertencimento, por estarmos em um mesmo ambiente sonoro, compartilhando o mesmo anseio de não saber até que ponto uma paralisação nas estradas pode nos prejudicar.

José Simão: – Caminhoneiros ameaçam acabar com frases engraçadas nos para-choques.

Ricardo Boechat: – Aí não!

Simão: – Não, né, Boechat. Querem acabar com a filosofia popular. Quer dizer que eu nunca mais vou ler: “sozinho o homem não é nada, nem corno”; “Big Brother de pobre é buraco de fechadura”; “saudades das primas lá de casa” [...]?! (BANDNEWS FM, 2018).

Os dois começam a gargalhar, e o tom alegre do diálogo envolve o ouvinte – que ouve com o corpo, não somente com a audição, na medida em que se move para a conversa com os protagonistas. O ouvinte participa da comunicação a ponto de não mais perceber a distância física que os envolve.

Segundo Menezes (2007), “tanto na mídia primária como na terciária, temos contato com uma série de expressões, tais como: fofocas, notícias, entrevistas, comerciais, debates, programas musicais, peças radiofônicas, documentários e outros formatos musicais, peças radiofônicas, documentários” (p. 31).

Observa-se que o ouvinte se identifica com o fenômeno do humor, ao ouvir Simão e Boechat, não somente porque a piada me leva a tratar o assunto de maneira não dramática, mas porque há a percepção de que outros estão passando pela mesma adversidade. Sendo assim, o ouvinte não está abandonado, preocupado, porque a consternação é o sentimento de um mesmo grupo sonoro e pode-se dividir a preocupação, sentimento esse que tem os dois comunicadores como porta vozes.

Se o ouvinte não gostar da piada, se sentir ofendido, por não concordar com as ideias nas entrelinhas, também há a sensação de pertencimento através do riso. Não preciso necessariamente concordar com as opiniões em forma de piada para participar do mesmo ambiente.

Como sabemos que a recepção do som é um processo que atinge toda a nossa pele, especialmente o tímpano podemos dizer que todo som é um tipo de massagem que nos conforta ou nos impulsiona. Massagem que nos coloca no tempo e no espaço, nos permite compreender o corpo como mídia primária, vinculado a outros corpos (MENEZES, 2007, p. 35).

Apesar de *Buamba!*, *Buamba!* ser propagado pela mídia terciária, a proximidade, a forma de veiculação do programa, nos remete à mídia primária, como se estivéssemos face a face, corpo a corpo. É bem verdade, porém, que conexão não necessariamente gera vínculo. Conforme Contrera, conexão e vínculo não têm o mesmo significado.

Estamos todos conectados. Todos vinculados. Todo mundo vinculado, conectado [...] Como é que a gente está tão conectado, tão vinculado, e os índices de depressão crescem enormemente? Os índices de suicídio crescem enormemente? As crianças cada vez menos acolhidas pelas comunidades, mais criadas... terceirizadas de todas as maneiras e com sequelas por conta disso? Que hiperconectividade maravilhosa é essa que enfim todos podemos conversar? (CONTRERA, 2017).

No caso específico das redes sociais digitais de *Buamba!* *Buamba!*, porém, o nulodimensional tem o potencial vinculador, quando os *bytes* são transformados em sons pelo *smartphone*. As redes servem como uma fonte de piadas criadas ou repassadas pelos próprios ouvintes, com a aceitação de Simão e Boechat, marcados por uma insatisfação popular com a greve dos caminhoneiros. Ocorre, então, o que Menezes compreende como: “o cidadão modificando e sendo modificado pelo vínculo sonoro”.

Por isso, no caso de *Buamba!*, *Buamba!*, a comunicação por meios primários e terciários e o nulodimensional são elos, para se pertencer ao mesmo ambiente, não necessariamente físico. O indivíduo precisa estar conectando, se sentir pertencente, e

*Buemba!, Buemba!* nos induz a um mesmo processo comunicativo. Como define Baitello, no prefácio da obra *Rádio, cidades e vínculos sonoros*, de Menezes:

Um corpo que ouve está amparado porque se vincula aos outros corpos que ouvem, porque seu tempo é partilhado com os tempos de outros corpos, porque seu sentimento de pertencer a um corpo social é referendado sonoramente, é sonoramente sincronizado (BAITELLO JR. *apud* MENEZES, 2007, p. 23).

No final da greve dos caminhoneiros, quando completou dez dias, o número de pessoas que apoiavam o movimento foi surpreendente. Segundo o Datafolha, 87% da população apoiava a paralisação, o que explica em parte como o grupo sonoro poupou caminhoneiros e se fixou em criticar, pelo humor, o governo federal, mais precisamente o então chefe de estado Michel Temer. Mas o mesmo instituto mapeou a dificuldade da população, que sofria as consequências da falta de combustível: 75% encontraram dificuldades para comprar alimentos; 37%, muita dificuldade para abastecer os carros, sendo 15% com pouca dificuldade. As consequências do humor nas entrelinhas e vínculos sonoros podem ser vistas no diálogo abaixo:

José Simão: – Por favor, gente, pelo amor de Deus, pelo bom menino Jesus de Praga, deixem pelo menos o caminhão de Rivotril passar.

Ricardo Boechat: – Aliás, Simão, tem uma tese que já tá em desenvolvimento aqui nos institutos de tecnologia [...]: a criação de um motor movido a merda, porque aí não vai faltar combustível, produto nacional. A merda é nossa, tanque cheio.

Simão: – Olha, Boechat, talvez você deve ter dado uma das maiores contribuições para o fim da greve (BANDNEWS FM, 2018).

### **3.2. A morte do xamã**

Para que nos sintamos vivos, há uma necessidade do pertencimento, como vimos acima. Mas o pertencimento nos leva a outra característica humana, que é a de precisarmos de um “xamã” no grupo sonoro no qual pertencemos.

Segundo Mônica Rebecca Ferrari Nunes (1999), o ser humano se comporta na sociedade moderna como em um ritual, com o mesmo intuito das sociedades arcaicas. Neste tipo de sociedade, há a figura de um xamã, aquele que sacrifica um símbolo do mal (pode ser um animal, por exemplo) para que haja paz, ou pelo menos um período de boa ventura. Sendo assim, no caso de Simão e Boechat, a piada é a arma de sacrifício. A piada é usada como uma lança para sacrificar alguém em nome de um bom convívio em uma sociedade, mesmo que não pertença ao mesmo espaço físico. Os comportamentos

são os mesmos dos ancestrais, que matavam um animal ou um semelhante em nome da paz, transferia a agressividade, o medo, a fobia, a revolta de um povo para uma única pessoa ou animal. Quando o sacrifício acontecia, o grupo sentia-se vingado. Hoje, a forma de sacrifício mudou.

Um sacrifício verbal tomou a forma do sacrifício antes feito por meio primário. Locutores xamãs (Simão e Boechat) usam a fala como arma para punir alguém. No meio do caos, de um governo sem popularidade, com uma greve que ameaçava a estabilidade de uma sociedade, nota-se na pesquisa a figura do Temer como o mal a ser extinguido. Não entrando no mérito da culpa do então presidente, no caos em que o país se encontrava, de alguma forma Simão e Boechat sacrificam Temer como o mal a ser aniquilado.

Com uma sociedade envolvida pelo som, os comunicadores usam Temer em suas piadas. O humor se torna arma, que pune o agressor e colabora para o equilíbrio de uma sociedade formada por vínculos sonoros. A piada é o meio pelo qual o sacrifício será realizado na medida em que o sacrificado já foi escolhido, afinal: “o cômico e o riso têm função de intimidar humilhando” (NUNES, 1999, p. 54). Simão e Boechat realizam o sacrifício de forma simbólica, extirpam o mal, usando o humor como ferramenta.

No final da greve dos caminhoneiros, Michel Temer fez um discurso na igreja Assembleia de Deus, em Brasília, afirmando que teria sido “iluminado por Deus” para resolver a crise. Segundo Temer, ele seria o responsável pelo fim da greve. Como vimos anteriormente, a figura de Temer é aproveitada em *Buemba! Buemba!* de forma oposta à religiosa pregada por ele nesse episódio. Simão e Boechat associavam o ex-presidente a imagem do maligno, relacionada ao inferno. Os xamãs deste grupo são representados por Simão e Boechat, que punem através do humor.

José Simão: – Em culto. Não é inculto, é em culto, Temer diz que foi iluminado por Deus para encerrar a Greve.

Ricardo Boechat: – Hmmmm...

Simão: – Só se for o iluminado de Kubrick. Sabe aquele filme, *O iluminado*, de Stanley Kubrick? Só falta ele se encontrar com as gêmeas de patinete, no fundo do corredor<sup>11</sup> (BANDNEWS FM, 2018).

---

<sup>11</sup> Simão se refere à obra de terror de Stephen King, dirigido por Kubrick. As cenas projetadas retratam a história de Jack Torrance, ao ser contratado para trabalhar como zelador de um hotel. O isolamento social permanente começa progressivamente a reduzir sua sanidade, aproximando-o do seu instinto animalesco. As gêmeas de patinete são uma imagem de terror vista pelo personagem. A comparação com o então presidente é clara no sentido de relacioná-lo ao mal e à loucura.

As sociedades arcaicas tinham no xamã o mentor, conselheiro, a personalidade da cura, da prática religiosa, que seguia um ritual praticado com o som dos tambores. Seguindo Nunes, o rádio seria nos dias de hoje o tambor dos tempos antigos e aqueles que se utilizam do rádio (tambores) são considerados xamãs pelos ouvintes.

Simão e Boechat seriam os que dão equilíbrio a uma sociedade por meio do sacrifício e do julgamento vindos do humor. Eles ditam o ritmo do humor quando punem Temer, isentam os caminhoneiros e mantêm o equilíbrio de uma sociedade formada pelo som, sacrificando verbalmente o presidente, representação do mal, e garantindo a harmonia com o “tambor” rádio.

### **O xamã vai embora**

Em 11 de fevereiro de 2019, o jornalista Ricardo Boechat faleceu, aos 66 anos, em um acidente de helicóptero que chocou o país. Uma fatalidade fez o cômico dividir, então, espaço com a tragédia. É possível que, a partir daí, a perda tenha intensificado os vínculos sonoros.

A reação de membros do grupo sonoro foi intensa, e notou-se, principalmente nas redes sociais digitais, manifestações que corroboraram com a hipótese de pesquisa. Se há um grupo sonoro formado por pessoas dos mais diferentes lugares, todos envolvidos pelo som, base da cultura do ouvir e ecologia da comunicação, a ausência física de Boechat culminou em ausência sonora e, portanto, mostrou a importância dos estudos voltados a este propósito.

A morte de Boechat não apenas reverberou em um grupo que trabalhava com ele através da mídia primária, mas impactou o restante do grupo sonoro que se utilizava de outras mídias (secundária e terciária) com o objetivo de pertencimento e afeto. As mensagens compartilhadas de forma nulodimensional, principalmente nas redes sociais digitais, tornaram evidente que a falta de um dos propagadores do som que vincula abalou um grupo, conectado por um quadro de humor, que se sentia pertencente nas imagens sonoras.

A importância do ouvir tornou-se evidente em pesquisas em internet. Os profundos lamentos de uma sociedade envolta pela sonoridade se evidenciaram, e a morte do xamã (Boechat), aquele que se manifestava com o humor e pelo humor, mostrou que a morte física é ausência de som, e sem a sonoridade o grupo se abala.

Constatou-se, durante a pesquisa, que Simão e Boechat também não estavam em

um mesmo ambiente físico. Durante dez anos de programa, Simão entrava em contato com Boechat via telefone. Boechat e Simão, unidos pela sonoridade, aumentavam o vínculo com os ouvintes, que se mostravam presentes pelas redes sociais, para enviar piadas, sugestões, críticas.

O próprio Simão, de maneira intuitiva, se manifestou de acordo com a pesquisa, resumindo no dia da morte de Boechat muito do que se nota na cultura do ouvir, em conversa com o jornalista e sonoplasta Eduardo Barão:

Eu tô meio devastado, eu tô meio sem condição de falar, mas eu acho legal falar, sabe? Porque ele era meu amigo do coração, né? Meu vice amado, cê sabe disso, né? E para mim é muito difícil pensar que eu nunca mais vou falar com ele, entendeu? (choro). Mas, o que eu quero dizer é que em 8, 10 anos, todo dia de manhã falando, e eu e o Boechat foi uma empatia instantânea, e a gente criou uma dupla que eu acho que jamais será retomada. Aí as pessoas achavam que eu era muito íntimo do Boechat, sim, somos íntimos, mas a gente se encontrava pessoalmente muito pouco, entende, era um amor assim (BANDNEWS FM, 2019).

O lamento de Simão é compartilhado com outros ouvintes, pertencentes a um mesmo grupo sonoro. A morte de Boechat implicou não apenas ausência física, para pessoas que podiam comunicar-se com ele na linguagem primária, mas afetou outros que participavam da linguagem secundária e terciária. Nota-se neste fenômeno um sentimento de tristeza geralmente notado pela ausência de uma pessoa que se comunica presencialmente.

Percebe-se também que este grupo foi afetado com a perda de um xamã, aquele que vingava a sociedade através de piadas, estas compartilhadas com Simão, que na sonora transcrita acima, resumiu o sentimento de ausência que abalou a família que se unia por vínculos sonoros.

## Considerações finais

O maior desafio da pesquisa foi, para nossa surpresa, conseguir os dados de que precisávamos sobre *Buemba!, Buemba!* para compreender este fenômeno a partir do diálogo com os estudos desenvolvidos por pesquisadores que investigam as relações entre cultura do ouvir, vínculos e ecologia da comunicação. A ideia inicial era que teríamos acesso aos arquivos, bem como à história do início do programa, participantes, desenvolvimento, dia, horário, data – enfim, esperávamos mais amparo para contar a história do quadro que fez tanto sucesso com José Simão e Ricardo Boechat.

Percebemos, ao estudar, pesquisar e entrevistar, que o rádio não preserva memória – com raras exceções. É impressionante que ainda haja profissionais que trabalhem com a história do rádio, arquivos de sonoras, catálogos de programas, dentre os quais destacamos Milton Parron. Nesse processo, apenas aumentou a admiração por quem ainda dedica tempo a impedir que a história do rádio seja esquecida.

Com uma motivação contrária à proposta por Roquete Pinto, o meio de comunicação tornou o foco das atividades, inicialmente culturais, em fonte de lucro, a ponto de a matéria jornalística de hoje ser descartada sem preocupação com o futuro. Os fragmentos de história jogados em redes sociais nos ajudaram, graças às pessoas que amam o que fazem e sentem a necessidade de veicular na internet, nos livros; enfim, pesquisadores que, mesmo sem recursos financeiros, guardam memórias do passado – às vezes, pobres em qualidade técnica, mas ricas em história.

Separamos todas as entrevistas de Simão e Boechat, matérias de jornais e revistas, blogs arquivados em redes sociais, veiculados por pessoas que amam o conhecimento e, mais do que isso, têm a generosidade em compartilhar. Os registros de Simão, Boechat, da história do programa, participantes, colaboradores, foram minuciosamente pesquisados. Sonoras transcritas, entrevistas por vídeos, matérias catalogadas, comparação de datas, de respostas e confirmação com extensa pesquisa bibliográfica, necessária para complemento do estudo.

Com a mesma metodologia, usando várias fontes jornalísticas como referência, as dúvidas sobre a greve dos caminhoneiros foram elucidadas para que este importante contexto histórico fosse mais um material disponível para entender as mensagens nas entrelinhas vindas nas piadas de Simão e Boechat. Mais do que isso, compreender por que algumas pessoas, grupos e partidos políticos eram punidos pelo humor, enquanto outros eram poupados.

No que diz respeito à história do rádio no Brasil, temos vários autores citados na pesquisa que deixaram nosso caminho mais fácil. Destacamos, no entanto, a necessidade de uma obra específica a respeito do humor no rádio brasileiro, base de um dos capítulos da dissertação. Não localizamos uma obra que trate apenas da história do humor no rádio brasileiro, desde o começo até os dias de hoje. Por isso, no Capítulo 2, há uma tabela sobre programas de humor no Brasil, e torcemos para que mais estudiosos ajudem a completá-la.

Este estudo segue vivo aos que se sentirem confiantes e determinados em continuar a história do humor no Brasil, posto que parece ser um tema tratado sem o necessário merecimento, principalmente ao constatar que, através do riso, podemos contar a história de uma nação: da política, das maneiras, dos costumes, de uma forma mais sincera do que muitos textos ditos “sérios” e com ressalvas.

Simão e Boechat, bem como outras personalidades que usaram o humor não só como economia de gasto psíquico (Freud), mas como ferramenta de protesto, devem ser observados com mais seriedade (por mais irônico que possa parecer), para que muitas mensagens sejam decifradas ou até como contraponto de determinada ordem vigente em um contexto histórico e social.

O desafio desse processo em busca do conhecimento era relacionar humor na interface das pesquisas em comunicação e cultura. O riso como “colo” acolhedor é mais um elemento na vinculação de um grupo de pesquisadores e pesquisadoras que pertencem sonoramente à rede de estudos ao redor da cultura do ouvir. Pudemos encontrar as pistas em vastas pesquisas de autores que dialogam com o tema e compreender que os estudiosos que nos ajudaram a problematizar o tema formam uma família de autores, talvez até uma “família espiritual”, ao redor dos estudos da cultura do ouvir, dos vínculos e da ecologia da comunicação.

Com uma bibliografia que engloba estudiosos que falaram sobre os vínculos sonoros em diversos lugares, muitos sem terem se conhecido pessoalmente, tampouco com a mesma proposta científica, chegando às mesmas conclusões, acreditamos que o caminho é certo, mas ainda há muito o que percorrer, e esta pesquisa é uma pequena contribuição.

O estudo englobou desde a comunicação compartilhada por Simão e Boechat, através das ondas de rádio, bem como a recepção do público e manifestações na internet. Com isso, pudemos traçar um panorama de uma espécie de elo de pertencimento, um grupo unido pelo riso e comandado por líderes que atuam como

xamãs, bem descritos por Monica Rebecca. Os xamãs que sacrificam o símbolo do mal para vingar uma sociedade e usar o humor como ferramenta de crítica e união.

É até gratificante chegar aos apontamentos de grupo sonoro por meio do riso. Nesta missão, tive apoio do orientador, que me apresentou autores que dialogam com o tema. Ele me proporcionou inesquecíveis momentos de leitura, comparações, indagações e pistas, mesmo que o estudo mereça ainda mais atenção e a contribuição seja importante, ainda que singela.

A morte de Ricardo Boechat foi um capítulo à parte na dissertação. Um fato inesperado, triste, mas um indício forte na linha de raciocínio que o estudo nos indicava – ou seja, a existência de um imenso grupo vinculado pelo som. Um grupo formado ao redor da comunicação mediada por equipamentos eletrônicos, ou mídia terciária, que tomou proporções gigantescas e era envolto em uma estrutura sonora marcada pelo riso, que foi abalada com a falta de um dos protagonistas.

A morte de Boechat foi ausência de som, de humor, de uma liderança que pudesse vingar e vincular um grupo formado, em sua maioria, com os mesmos propósitos. Os que não tinham as mesmas ideias eram, às vezes, anestesiados pelo humor. A ausência física implicou falha no som. A metáfora pode ser usada da seguinte maneira: quando um grupo é formado por várias notas musicais, cria-se uma melodia (vários sons formam uma canção); a ausência de uma das notas impede que a música seja tocada, ou a empobrece.

O que resta é um ruído sem emoção, que compromete um grupo, união de pessoas que estão acostumadas à música que embala e acolhe. Boechat foi a ausência desta nota musical. Ou se cria outra música ou o grupo aceita a canção de um jeito diferente ou nunca mais a música será tocada.

## Referências

ALBERTI, Verena. **O riso e o risível**: na história do pensamento. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

ALMEIDA, Jane de. **Achados chistosos da psicanálise na escrita de José Simão**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

ALMEIDA, Leticia Gonçalves. **Radiojornalismo**: forma, conteúdo e interferência na liderança de audiência – uma análise comparativa das rádios CBN e BandNews FM. 2010. 62 f. Monografia (Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) - UniCEUB – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2010.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia**: reflexões sobre a imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec Editora, 2010.

BARBOSA, Gustavo; RABAÇA, Carlos Alberto. **Dicionário de comunicação**: Nova edição revista e atualizada. 3ª edição. Rio de Janeiro: Codecri, 2001.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

BBC BRASIL. Ricardo Boechat: o que se sabe sobre acidente de helicóptero que matou jornalista em SP. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47202304>>. Acesso em 28 fev. 2019.

BERGER, Peter. **O riso redentor**: a dimensão cômica da experiência humana. Petrópolis: Vozes, 2017.

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre o significado do cômico. São Paulo: Edipro, 2018.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAMPOS, João Pedroso de. Michel Temer não decretou ‘estado de sítio’ no país durante greve. **Veja**. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/me-engana-que-eu-posto/michel-temer-nao-decretou-estado-de-sitio-no-pais-durante-greve>>. Acesso em 12 ago. 2019.

CASTILHO, Carlos. Cross-media, a narrativa jornalística do futuro. **Observatório da Imprensa**. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/codigo-aberto/crossmediaa-narrativa-jornalistica-do-futuro/>>. Acesso em 23 out. 2019.

COM fila de admiradores, corpo de Boechat é velado no Museu da Imagem e do Som, em SP. **Estadão Conteúdo**. Disponível em: <<https://istoe.com.br/com-fila-de-admiradores-boechat-e-velado-no-museu-da-imagem-e-do-som-em-sp/>>. Acesso em 28 fev. 2019.

CONTRERA, Malena. **Vínculo**. Palestra proferida no grupo de pesquisa Comunicação e Cultura do Ouvir. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 9 nov. 2017.

CYRULNIK, Boris. **Do sexto sentido**: o homem e o encantamento do mundo. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

DAMACENO, Elaine Regiane; NISHIZAWA, Lia Kaori. O humor no Rádio Brasileiro. In: INTERCOM – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, v. 22, 1999, Rio de Janeiro. **Anais**. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/491c905fada79c39b6ebdc399c01ce11.PDF>>. Acesso em 12 ago. 2019.

DANELLI, Carolina; ORLANDO, Simone. O uso do WhatsApp na rotina produtiva da emissora de rádio BandNews Fluminense FM. In: INTERCOM – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, v. 38, 2015, Rio de Janeiro. **Anais**. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3148-1.pdf>>. Acesso em 28 fev. 2019.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. José Simão – Biografia. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa7543/jose-simao>>. Acesso em 28 fev. 2019.

ESTADÃO CONTEÚDO. Ricardo Boechat acumulou prêmios em quase 50 anos de carreira. Disponível em: <<https://www.istoedinheiro.com.br/ricardo-boechat-acumulou-premios-em-quase-50-anos-de-carreira/>>. Acesso em 28 fev. 2019.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000.

\_\_\_\_\_. **Rádio**: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.

FREUD, Sigmund. **O chiste e sua relação com o inconsciente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HOUAISS, Antônio. Papelote (verbetes). **Grande Dicionário Houaiss**. São Paulo: Objetiva.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2000.

LUSTOSA, Isabel (org.). **Imprensa, humor e caricatura**: a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão**: a vida pelo vídeo. São Paulo: Editora Moderna, 1988.

MENEZES, José Eugenio de O. **Rádio e cidade**: vínculos sonoros. São Paulo:

Annablume, 2007.

\_\_\_\_\_. **Cultura do ouvir e ecologia da comunicação**. São Paulo: UNI, 2016.

\_\_\_\_\_. **Vínculo sonoros**. Disciplina “Teorias da Comunicação”, ministrada durante o programa de pós-graduação em Comunicação. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2017.

MICHAELIS On-line – Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa. Papelote (verbete). Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=yV1AA>>. Acesso em 27 fev. 2019.

MORGADO, Fernando. Entrevista realizada via e-mail em jan. 2019.

MORIN, Edgar. **O enigma do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

NASCIMENTO, Maria Auxiliadora Mendes. BandNews FM: “Em 20 minutos, tudo pode mudar” - estudo de caso das inserções do colunista José Simão no programa ancorado pelo jornalista Ricardo Boechat. **Revista Alterjor**, ano 01, v. 02, ed. 02, jul.-dez. 2010. Disponível em: <[http://www.usp.br/alterjor/ojs/index.php/alterjor/article/view/aj2-d5/pdf\\_28](http://www.usp.br/alterjor/ojs/index.php/alterjor/article/view/aj2-d5/pdf_28)>. Acesso em 04 fev. 2019.

NUNES, Monica Rebecca Ferrari. **O mito no rádio**: a voz e os signos de renovação periódica. São Paulo: Annablume, 1993.

PORTAL DOS JORNALISTAS. José Simão. Disponível em: <<https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/jose-simao/>>. Acesso em 28 fev. 2019.

\_\_\_\_\_. Ricardo Boechat. Disponível em: <<https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/ricardo-boechat/>>. Acesso em 28 fev. 2019.

PORTAL UOL. Blog do Simão. Disponível em: <<https://blogdosimao.blogosfera.uol.com.br/>>. Acesso em 28 fev. 2019.

\_\_\_\_\_. José Simão – Biografia – Aí eu peguei e nasci!. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/josesimao/biografia.htm>>. Acesso em 28 fev. 2019.

PRADO, Magaly. **História do rádio no Brasil**. São Paulo: Editora Da Boa Prosa, 2012.

PROGRAMA PONTO DE VIRADA. Entrevista com José Simão. TV Cultura. 2011. (23m30s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qSdjodhokW4>>. Acesso em 12 ago. 2019.

PROGRAMA DIVERSIDADE. Entrevista com José Simão. 2008. (5m40s). Disponível em: <<https://youtu.be/PZvx0T7VsHE>>. Acesso em: 27 fev. 2019.

PROSS, Harry. La Clasificacion de los medios. In: PROSS, Harry; BETH,

Hanno. **Introducción a la Ciencia de la Comunicación**. Barcelona: Anthropos, 1976.

RÁDIO BANDNEWS FM. *Buemba!, Buemba!*, com José Simão. Disponível em: <[www.bandnewsfm.com.br/colunista/jose-simao](http://www.bandnewsfm.com.br/colunista/jose-simao)>. Acesso em 12 ago. 2019.

REVISTA TRIP. José Simão – Buemba! Recebemos em nossos estúdios o esculhambador geral da República. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip-fm/jose-simao>>. Acesso em 28 fev. 2019.

ROCHA, Arthur de Oliveira. **Paródia satírica e crítica midiática nas notícias fictícias do site Sensacionalista**. 2017. 141 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

SACCHITIELLO, Bárbara. A primeira década da BandNews FM. **Meio & Mensagem**. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2015/05/19/a-primeira-decada-da-bandnews-fm.html>>. Acesso em 28 fev. 2019.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da. **Rádio: Oralidade Mediatizada**. São Paulo: Annablume, 2007.

SOERENSEN, Claudiana. A carnavalização e o riso segundo Mikhail Bakhtin. **Travessias**, v. 5, n. 1, ed. XXI, 2011.

TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou: do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo**. São Paulo: Paulus, 2014.

TOZO, Carla de O. O jornalismo especializado em saúde nas emissoras CBN e BandNews. In: INTERCOM – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 40, 2017, Curitiba. **Anais**. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0628-1.pdf>>. Acesso em 28 fev. 2019.

VANNUCHI, Camilo. Descabelando o Macaco Simão. **Brasileiros**. São Paulo, n. 4, p. 101-105, out. 2007.